

**UNIVERSIDADE FEDERAL DO ESPÍRITO SANTO**  
**CENTRO DE CIÊNCIAS HUMANAS E NATURAIS**  
**PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM CIÊNCIAS SOCIAIS**

**JOYCE MAZZOCO DO NASCIMENTO**

**ALBUÍNO CUNHA DE AZEREDO:**  
**TRAJETÓRIA EDUCACIONAL, EMPRESARIAL E POLÍTICA DE UM**  
**ENGENHEIRO NEGRO**

**VITÓRIA**  
**2023**

**ALBUÍNO CUNHA DE AZEREDO:  
TRAJETÓRIA EDUCACIONAL, EMPRESARIAL E POLÍTICA DE UM  
ENGENHEIRO NEGRO**

Dissertação apresentada como requisito do Programa de Pós-Graduação em Ciências Sociais da Universidade Federal do Espírito Santo como requisito para obtenção como título de Mestre em Ciências Sociais, na área de concentração em Antropologia.

Orientador: Prof. Dr. Osvaldo Martins de Oliveira

**Vitória  
2023**

Ficha catalográfica disponibilizada pelo Sistema Integrado de Bibliotecas - SIBI/UFES e elaborada pelo autor

Mazzoco do Nascimento, Joyce, 1994-  
M477a Albuino Cunha de Azeredo: Trajetória Educacional, Empresarial e Política de um Engenheiro Negro / Joyce Mazzoco do Nascimento. - 2023.

103 f. : il.

Orientador: Osvaldo Martins de Oliveira.  
Dissertação (Mestrado em Ciências Sociais) - Universidade Federal do Espírito Santo, Centro de Ciências Humanas e Naturais.

1. Antropologia. 2. Trajetórias Afro-brasileiras. 3. Trajetórias Educacionais. 4. Relações Étnicos raciais. 5. Racismo. I. Martins de Oliveira, Osvaldo. II. Universidade Federal do Espírito Santo. Centro de Ciências Humanas e Naturais. III. Título.

CDU: 316

**JOYCE MAZZOCO DO NASCIMENTO**

**ALBUÍNO CUNHA DE AZEREDO:  
TRAJETÓRIA EDUCACIONAL, EMPRESARIAL E POLÍTICA DE UM  
ENGENHEIRO NEGRO**

Dissertação apresentada como requisito do Programa de Pós-Graduação em Ciências Sociais da Universidade Federal do Espírito Santo como requisito para obtenção como título de Mestre em Ciências Sociais, na área de concentração em Antropologia.

Orientador: Prof. Dr. Osvaldo Martins de Oliveira

Aprovada em 28 de abril de 2023

**Comissão Examinadora:**

---

**Professor Dr. Osvaldo Martins de Oliveira**  
**Universidade Federal do Espírito Santo**  
**Orientador**

---

**Professor Dr<sup>a</sup>. Márcia Barros Ferreira**  
**Rodrigues**  
**Universidade Federal do Espírito Santo**

---

**Professor Dr. Sérgio Pereira Santos**  
**Universidade Federal do Mato Grosso**

## **AGRADECIMENTOS**

Primeiramente, agradeço à Fundação de Amparo à Pesquisa e Inovação do Espírito Santo (FAPES), que através do sistema do financiamento de bolsa por 11 (onze) meses, foi parte importante para a viabilidade deste trabalho de dissertação.

Agradeço aos Professores que de alguma maneira fizeram parte deste processo de construção desta pesquisa, a Prof. Dr<sup>a</sup>. Márcia Barros Ferreira Rodrigues e o Professor Dr. Sérgio Sérgio Pereira Santos, que em banca de qualificação puderam me abrir os olhos para a construção final deste trabalho, e principalmente, a palavra de incentivo para continuar.

Agradeço ao meu Orientador Professor Dr. Osvaldo Martins de Oliveira, que com paciência me guiou neste caminho árduo que é a pesquisa, e que atravessou o período pandêmico da Covid-19, tornando este processo ainda mais árduo que de costume.

Agradeço aos meus amigos e amigas que a todo momento me incentivaram a continuar e chegar até aqui, muitas das vezes não apenas com palavras, mas com atitudes que contribuíram e viabilizaram a minha escrita, que neste processo foi atravessado por inúmeras dificuldades. À minha família que sempre torceu e torce por cada passo que dou.

Com toda certeza, sem esses esforços coletivos, não seria possível hoje chegar até aqui.

“O preconceito é um fardo que confunde o passado, ameaça o futuro e torna o presente inacessível” – Maya Angelo

## RESUMO

Trata-se de uma etnografia com objetivo de analisar a trajetória de vida do personagem Albuíno Cunha de Azeredo, o primeiro e único, até o ano de 2023, Governador Negro do Estado do Espírito Santo. Diante deste fato, buscou-se analisar e descrever o processo de escolarização do personagem, a situação social, econômica e cultural da sua família no decorrer de sua trajetória escolar/acadêmica. Assim, essa é uma pesquisa qualitativa com análise de dados provenientes de fontes bibliográficas, artigos jornalísticos, de memórias e narrativas de familiares coletadas por meio de entrevista sobre a trajetória de Albuíno. Além disso, é utilizado as metodologias de trajetória de vida de Bourdieu (1989) e narrativa de vida de Bertaux (2010). Através da presente pesquisa foram realizadas reflexões sobre a trajetória de vida de Albuíno Azeredo que se desdobraram em campos de análise na Educação, Empresarial e Política, a partir do conceito de memória articulado por Michel Pollak (1989) e Beatriz do Nascimento (1982, 2006 e 2018). Desse modo, compreendeu-se que a memória coletiva está em constante disputa por meio do mecanismo de enquadramento da memória e a escolha em analisar a trajetória de vida de Albuíno Azeredo é uma prática antirracista em trazer à memória do que este grande personagem representa.

Palavras-Chave: Albuíno Azeredo - trajetória educacional - identidade negra - atuação política - memória.

## **ABSTRACT**

This is an ethnography with the objective of analyzing the life trajectory of the character Albuíno Cunha de Azeredo, the first and only, until the year 2023, Black Governor of the State of Espírito Santo. Faced with this fact, we sought to analyze and describe the character's schooling process, the social, economic and cultural situation of his family in the course of his school/academic trajectory. Thus, this is a qualitative research with analysis of data from bibliographic sources, journalistic articles, memories and narratives of family members collected through interviews about Albuíno's trajectory. In addition, Bourdieu's (1989) life trajectory and Bertaux's (2010) life narrative methodologies are used. Through this research, reflections were carried out on the life trajectory of Albuíno Azeredo that unfolded in fields of analysis in Education, Business and Politics, based on the concept of memory articulated by Michel Pollak (1989) and Beatriz do Nascimento (1982, 2006 and 2018). In this way, it was understood that the collective memory is in constant dispute through the memory framing mechanism and the choice to analyze the life trajectory of Albuíno Azeredo is an anti-racist practice in bringing to the memory what this great character represents.

Keywords: Albuíno Azeredo - educational trajectory - black identity - political activity - memory.

## LISTA DE FIGURAS

Figura 1 - O futuro do país passa por uma evolução na educação	38
Figura 2 - Não é possível deixar de investir na educação	39
Figura 3 - Albuíno Azeredo mediando greve em Itapemirim	44
Figura 4 - Inauguração do comitê em Vila Velha	45
Figura 5 - Almoço oferecido pelo Prefeito de Colatina	46
Figura 6 - Albuíno Azeredo em discurso durante a campanha eleitoral	46
Figura 7 - Campanha eleitoral na cidade de Nova Venécia	47
Figura 8 - Narrativa acerca do ato do racismo vivenciado em comício em Venda Nova do Imigrante	48
Figura 9 - Foto de Albuíno empossado Governador	52
Figura 10 - Eduardo Gonçalves Ribeiro (preto e branco)	53
Figura 11 - Eduardo Gonçalves Ribeiro (colorida)	53
Figura 12 - Mandela e Winnie Mandela no Espírito Santo	57
Figura 13 - Mandela no Espírito Santo	58
Figura 14 - Participação das bandas de Congo	59
Figura 15 - população capixaba em evento de recepção à Mandela	60
Figura 16 - Nelson Mandela e Albuíno	61
Figura 17 - Albuíno, Nelson e Winnie Mandela	61
Figura 18 - Albuíno e Papa João Paulo II	62
Figura 19 - Notícia de assinatura do Decreto nº 3.527-N	64
Figura 20 - Escola Normília da Cunha dos Santos	65
Figura 21 - Normília da Cunha	66
Figura 22 - Assinatura de convênio com a Petrobras; troca de royalties para asfaltamento da malha rodoviária	69
Figura 23 - Reportagem de Jornal A Tribuna	74
Figura 24 - Ana Flavia Azeredo	75
Figura 25 - Velório de Albuíno	78
Figura 26 - Quem é quem na negritude brasileira	81
Figura 27 - Albuíno Azeredo e Luiz Cosenza na Associação de Engenheiros Ferroviários	83
Figura 28 - Enedina Alves	87
Figura 29 - André Rebouças	92

## SUMÁRIO

<b>1. INTRODUÇÃO</b> .....	11
<b>2. TRAJETÓRIAS, MEMÓRIA E IDENTIDADE: REFERENCIAIS TEÓRICOS E METODOLÓGICOS</b> .....	18
<b>3. ALBUÍNO CUNHA DE AZEREDO: TRAJETÓRIA, MEMÓRIA E AUTOIDENTIFICAÇÃO NEGRA</b> .....	33
3.1 - VIDA FAMILIAR E CAPITAL SOCIOCULTURAL NOS PRIMEIROS ANOS ....	33
3.2 - TRAJETÓRIA ESCOLAR E EMPRESARIAL.....	34
3.3 - TRAJETÓRIA POLÍTICA.....	42
3.3.1 - Inserção na gestão pública.....	42
3.3.2 - Processo eleitoral para Governador do Espírito Santo.....	44
3.3.3 - Principais feitos do Governo de Albuíno Azeredo.....	54
3.3.4 - A atuação político-administrativa pública no Governo do Rio de Janeiro.....	70
3.4 - ATUAÇÃO PROFISSIONAL NA ENGENHARIA.....	70
3.5 - VIDA PRIVADA/PESSOAL.....	72
3.6 - FALECIMENTO.....	77
3.7 - HOMENAGENS À ALBUÍNO AZEREDO: DE PESSOA A PERSONAGEM DE MEMÓRIA EM NÍVEL ESTADUAL E NACIONAL.....	79
3.7.1 - Homenagens e prêmios recebidos fora do estado do Espírito Santo.....	80
3.7.2 - Homenagens e prêmios no estado do Espírito Santo.....	84
<b>4. PIONEIRISMO NA ENGENHARIA: ENGENHEIROS NEGROS</b> .....	86
4.1 - BREVE TRAJETÓRIA DE VIDA: TRAZENDO À MEMÓRIA ENEDINA ALVES MARQUES E ANDRÉ REBOUÇAS.....	87
4.2 - INTELECTUALIDADE NEGRA NA ENGENHARIA: TRABALHOS E OBRAS DESENVOLVIDOS PELOS ENGENHEIROS/AS PIONEIROS/AS.....	94
<b>5. CONSIDERAÇÕES FINAIS</b> .....	96
<b>REFERÊNCIAS</b> .....	98

## 1. INTRODUÇÃO

A representatividade para nossa geração é um conceito que tem sido recorrente nos debates, falamos da representativa feminina, negra, indígena, LGBTQIPAN+, pois vivemos na década do seguinte slogan: “representatividade importa”.<sup>1</sup> A juventude negra está em busca de referenciais e espelhos. E ao falarmos sobre minorias sociais, a representatividade diz sobre enxergar um espaço que historicamente não era ocupado por negros, mulheres, indígenas e etc. Trata-se do processo de construção do pertencimento e de ter um novo sentimento que nos faz afirmar: “Eu também posso chegar lá!”

No ano de 2019, surgiu para esta pesquisadora a trajetória de vida de Albuíno Cunha de Azeredo, como governador do Espírito Santo em uma visita realizada ao Palácio Anchieta, sede do Governo do Estado do Espírito Santo, localizado em Vitória/ES, que também é um prédio histórico e realiza visitas turísticas. Nesta visita em 2019, o guia turístico ao mostrar a parede de fotos dos ex-governadores do Estado do Espírito Santo, a foto de um dos governadores saltou ao meu olhar, uma foto que destoou das demais imagens na parede, a imagem do único homem negro eleito governador no estado.

Em seguida, gerou um questionamento nesta pesquisadora que não pude deixar passar, então, perguntei ao guia, quem é este governador único negro da composição? E ele me respondeu ser Albuíno Cunha de Azeredo, primeiro e até a atualidade única pessoa negra a assumir o cargo no Espírito Santo. A partir de então, levantei questionamentos internos de quem foi Albuíno? Como foi o contexto do único negro a ocupar o mais alto cargo executivo do Estado? E por que não conhecia a história de Albuíno? Eu, uma mulher negra, com certa inserção na militância e no meio acadêmico, já tinha ouvido falar de Abdias do Nascimento, Lélia Gonzalez, Beatriz do Nascimento, Zacimba Gaba, de Chico Prego e tantos outros

---

<sup>1</sup> A posse do presidente Lula da Silva agora em janeiro de 2023, trouxe um novo marco, quebrando o tradicional caminho da subida da rampa do Palácio Presidencial para a troca da faixa entre presidentes, foi escolhido um grupo de pessoas que representasse a população brasileira, composta por mulheres, negros, indígenas, crianças, pessoas com deficiência (PCD), trabalhadores e até os animais. E pela primeira vez a faixa presidencial foi recebida através das mãos de uma mulher negra, Aline Sousa.

intelectuais e ativistas negros, mas ainda assim, não tinha ouvido falar de Albuíno e para meu espanto questioneei por algumas semanas pessoas da minha convivência acadêmica à época, que também não tinham conhecimento da existência de um governador negro no Espírito Santo.

Mais à frente, busquei informações sobre bibliografias, estudos de dissertações ou teses sobre a vida de Albuíno e seus feitos, mas novamente me encontrei decepcionada por não encontrar nenhum estudo acadêmico que se trata sobre sua trajetória, e sobre a importância de sua memória e história para o povo capixaba, em especial ao povo negro. Encontrei entrevistas de jornal, um livro biográfico escrito por Gurgel (2012) e um capítulo de livro autobiográfico do próprio Albuíno (AZEREDO, 2012), mas nenhum estudo analítico acerca das implicações de sua ascensão social, econômica, política e acadêmica.

A partir de então, passei a refletir sobre como falamos tanto de representatividade, e como, de fato, ela importa. Albuíno Cunha de Azeredo foi o primeiro e único governador negro do Espírito Santo e o segundo do Brasil. Para além da política, foi um grande intelectual no campo da engenharia, sendo pioneiro na Engenharia de Transportes. No campo empresarial, foi um grande empresário, chegando a comandar uma empresa com filial nos Estados Unidos da América (EUA), mas sua trajetória foi invisibilizada.

Ao pesquisar a biografia de Albuíno, fui levada a entrar no tema da memória, como um dos elementos que compõe a construção de uma identidade negra e/ou afrodescendente capixaba. Trata-se da memória sobre a ocupação dos espaços de poder, a partir de um olhar anti-hegemônico, com foco em pessoas negras que ocupam lugares de poder. Rememorar ou lembrar, como escreve bell hooks (1992), é uma prática antirracista que vai de encontro a prática historicamente efetuada pela branquitude em controlar os olhares da população negra para torná-la subalternizada. Assim, o controle do olhar, do que é visto, do que é representado diz muito sobre o controle do poder pela branquitude, e:

[...] essas relações de olhar foram reforçadas conforme os brancos cultivaram a prática de negar a subjetividade dos negros (para melhor desumanizar e oprimir), relegando-os ao domínio do invisível (HOOKS, 2019).

Por ocupar um lugar de notoriedade na sociedade capixaba, por ter sido governador do Estado do Espírito Santo na década de 90, é possível encontrar registros de sua trajetória distribuídos em entrevistas de jornais, capítulos de livros e em especial o livro “Albuíno Azeredo - um homem de ferro” (GURGEL, 2012). No entanto, é importante enaltecer que a trajetória de vida de Albuíno é muito mais que sua trajetória política, pois é plural e nos oferece contribuições de grande representatividade.

Albuíno Cunha de Azeredo foi um homem negro, de periferia, que rompeu barreiras da estratificação social, econômica e racial construindo uma proeminente carreira intelectual, empresarial e política. Portanto, a proposta deste trabalho é reunir o máximo de registros bibliográficos, unindo as entrevistas com familiares deste personagem de nossa memória e história recente para construir um trabalho dissertativo científico, construindo a trajetória educacional, empresarial e política de Albuíno Cunha de Azeredo. Sua trajetória de vida não pode cair no esquecimento, pois a memória coletiva está em constante disputa por meio do mecanismo de enquadramento da memória (POLLAK, 1989) e a escolha em analisar a trajetória de vida de Albuíno Cunha de Azeredo é uma prática antirracista em trazer à memória do que este grande personagem representa.

Em continuidade da construção lógico-estrutural deste trabalho, o objetivo geral da presente pesquisa é analisar a trajetória intelectual, empresarial e política de Albuíno Cunha de Azeredo, ex-governador do estado do Espírito Santo. A partir disso, aprofundarei na abordagem analítica acerca do pioneirismo intelectual negro no campo da engenharia, trabalhando, a partir de revisão bibliográfica, uma breve análise da biografia de um dos primeiros engenheiros negros do Brasil, André Rebouças, e a primeira engenheira negra, Enedina Alves. Finalizarei com o destaque de Albuíno Cunha de Azeredo, enquanto personagem negro de memória nas sociedades capixaba e brasileira da atualidade.

Entre os objetivos específicos, destaco os que seguem: 1º) descrever o processo de escolarização do personagem e analisar a situação social, econômica e cultural da sua família no decorrer dessa trajetória escolar/acadêmica; 2º) descrever e analisar a construção do percurso empresarial de Albuíno; 3º) descrever a trajetória política do personagem biografado até se tornar o primeiro Governador

Negro do Estado do Espírito Santo; 4º) analisar se há uma invisibilização do primeiro Governador Negro do Estado do Espírito Santo e se esse processo atua como um enquadramento da memória capixaba em perspectivas acadêmicas e políticas racistas; 5º) descrever e analisar comparativamente o percurso da trajetória intelectual de Albuíno Cunha de Azeredo, relacionando-a com as trajetórias de André Rebouças e de Enedina Alves Marques.

Abuíno Cunha de Azeredo é representado neste estudo como um intelectual negro que, para além da sua vivência irreduzível como indivíduo, representa importante composição da história dos afrobrasileiros e afrocapixabas. Nesse sentido, a análise da sua trajetória de vida permite compreender a dinâmica social que possibilitou a formação acadêmica para a construção da ascensão econômico-social e a composição de um capital cultural e político de um homem oriundo de um grupo historicamente marginalizado. Buscando, assim, identificar como o acesso ao conhecimento, inicialmente na sua forma escolarizada, depois ao iniciar a vida profissional, apreendido na experiência social, converteu um sujeito oprimido em um agente político que protagonizou resistência. Assim, para a presente pesquisa foram realizadas descrições e reflexões sobre a trajetória de vida de Albuíno Cunha de Azeredo sobre o seu processo de formação como Engenheiro, Empresário e Governador utilizando um método descritivo e analítico, que se caracteriza como uma pesquisa qualitativa.

Neste sentido, a metodologia desta pesquisa pode ser dividida em três elementares, a primeira consiste na construção e delimitação teórica do tema, a saber: trajetória de vida, identidade, memória e raça. Assim, o conceito de trajetória de vida colocou o foco na descrição e análise dos principais campos de sua trajetória, enxergando-a de forma plural e não única, a partir do conceito teórico de Bourdieu (1989). A identidade é entendida como processos de identificação a partir das relações sociais, raciais e culturais apoiada nos conceitos teóricos de identidade etnocultural Cucho (2002) e identidade cultural de Hall (1992). A memória é construção de dados e fatos, que podem ser transmitidos, isto é, herdados, tal conceito será referenciado teoricamente em Pollak (1989 e 1992) e Nascimento (1982, 2006 e 2018). O conceito de raça e racismo referenciados na teoria de Munanga (2006).

O segundo elemento, para atingir os objetivos propostos, foi empregado os seguintes procedimentos e técnicas de pesquisa para a obtenção de dados: a) realização de pesquisa em fontes escritas, como livros, dissertações de mestrado, teses de doutorado, artigos acadêmicos, artigos publicados na imprensa, reportagens em sites e escritos produzidos pelo próprio biografado, visando atingir parte dos primeiro ao quinto objetivos específicos propostos acima; b) realização de pesquisa em fontes orais, como entrevistas com familiares de Albuíno Cunha de Azeredo, visando a obtenção de dados para atingir o sexto objetivo específico proposto; c) a realização da análise do acervo fotográfico ligados a Albuíno Azeredo no site do Arquivo Público do Estado do Espírito Santo.

Os encontros tiveram como objetivo realizar entrevistas e reconstruir a memória e a trajetória de vida de Albuíno Azeredo, a partir de uma ordem cronológica dos fatos. O trabalho de campo envolveu relações de confiança que foram construídas, principalmente, a partir dos contatos prévios realizados a partir de ligações com a entrevistada Waldicéia Peçanha Azeredo, viúva de Albuíno Azeredo. Portanto, esta pesquisa não se restringiu à aplicação de questionários, pois foi utilizado durante a visita um diálogo acerca do personagem, em que pude apresentar a proposta de minha pesquisa. Após obter o consentimento da entrevistada, realizei perguntas que possibilitaram preencher algumas lacunas deixadas após a análise dos dados bibliográficos. Assim, as entrevistas se tornaram importantes para coerência às possíveis ambiguidades, lacunas, além de possibilitar contrapontos na pesquisa. A pesquisa qualitativa foi utilizada em combinação com a pesquisa em fontes escritas para a construção desta pesquisa (Bauer e Gaskell, 2002).

Além disso, os registros fotográficos são utilizados como apoio para o resgate da memória e identidade do personagem pesquisado, Beatriz do Nascimento (2018, p. 330) assim nos ensina “[...] é preciso da imagem para recuperar a identidade. Tem-se que tornar-se visível, porque o rosto de um é o reflexo do outro.”, assim, considerando que esta pesquisa busca trazer à memória a trajetória e identidade do personagem Albuíno Cunha de Azeredo, que foi um homem negro intelectual e pioneiro em diversas áreas, a apresentação das imagens ao longo desta pesquisa auxiliam neste propósito.

Apesar da entrevistada ter se mostrado disposta a fornecer as imagens de Albuíno Azeredo em contribuição para repercussão de sua história, as imagens ainda permanecem guardadas em sua moradia no Rio de Janeiro e após o falecimento do personagem não retornou ao local. Em razão disso, as imagens coletadas e escolhidas para compor a pesquisa foram realizadas após buscas no acervo online do Arquivo Público do Estado do Espírito Santo, no grupo Memória Capixaba hospedado no *Facebook* e em sites de jornal.

Por último, a terceira elementar, mas não menos importante é a análise do objeto de pesquisa ser definido a partir do que Alberto Guerreiro Ramos (1957), denomina *negro-vida*. Assim, tanto Albuíno Azeredo da Cunha, quanto os demais personagens negros estudados neste trabalho serão compreendidos a partir do dinamismo próprio de suas vidas, onde a reflexão e análise dos dados obtidos serão tratados e descritos levando em conta as diversas formas de suas vivências. Para tanto, busco através de uma análise metodológica não dedutiva, mas indutiva, permitir que a análise crítica possa apresentar as respostas advindas dos dados empíricos deste estudo.

Assim, utilizando-se de outro conceito teórico-metodológico também do filósofo e sociólogo Alberto Guerreiro Ramos denominado de “Descendo aos infernos” (RAMOS, 1979), articulo a ausência de memoriais e de reconhecimento de Albuíno Azeredo no conjunto de suas trajetórias acadêmica, empresarial e política para desnaturalizar a racialização que é a culpada pela invisibilidade de um personagem negro capixaba extraordinário. Nesse sentido, descer aos infernos consiste em:

“[...] quem não estiver disposto a esse compromisso, arrisca-se a petrificar-se em vida, ou a falar sozinho, e ainda permanece na condição de matéria bruta do acontecer, em vez de tornar-se, como deveria, consciência militante desse acontecer, pela apropriação do seu significado profundo” (RAMOS, 1979, p. 06).

Portanto, este trabalho de mestrado, tem a finalidade de deslocar o falar sozinho, tornando-se social e coletiva a socialização da história do personagem pesquisado através da memória (RAMOS, 1979, p. 63). Por fim, este trabalho antropológico é realizado a partir de interpretações de categorias sob o olhar de um pensamento afrodiaspórico, não de uma análise induzida predominantemente de

uma realidade europeia que se afirma como um pensamento universalizante (RAMOS, 1957, p.123), mas de pensadores descendentes de africanos que vivem no Brasil e em outros países das américas.

Para finalizar o presente capítulo, compartilho referenciais teóricos e metodológicos com um artigo publicado por Oliveira (2022), que analisa a trajetória e a memória do ex-professor de história da UFES, Cleber Maciel, falecido em 1993. Assim como na pesquisa que teve como resultado o referido artigo, essa é uma pesquisa qualitativa com análise de dados provenientes de fontes bibliográficas, matérias e artigos jornalísticos e de revistas, de memórias e narrativas de familiares coletadas por meio de entrevista sobre a trajetória de Albuíno. O referencial teórico-metodológico, como se verá no próximo capítulo, é constituído por autores de textos sobre os conceitos de raça e identidade negra (MUNANGA, 2015, 2006 e 2003), identidade cultural (HALL, 2003), identidade etnocultural (CUCHE, 2002), trajetória biográfica (BOURDIEU, 1989), memória (POLLAK, 1989, 1992) e narrativa de vida (BERTAUX, 2010).

## **2 - TRAJETÓRIAS, MEMÓRIA E IDENTIDADE: REFERENCIAIS TEÓRICOS E METODOLÓGICOS**

O presente estudo utiliza tanto os termos negro quanto afro-brasileiro e afro-capixaba para se referir a brasileiros e capixabas de ascendência africana, inclusive, para pessoas consideradas “mestiças” que o discurso popular costuma chamar de morenos, mulatos ou pardos. Seguindo Munanga (2015), o termo utilizado pelo Movimento Negro tem a proposta política de unificação para o combate ao “racismo à brasileira” (MUNANGA, 2015, p. 24), por tal motivo, todos serão tratados pelo termo negro ou negra, ao invés de preto, pardo ou moreno. Importante ressaltar que atualmente tal categoria não é utilizada pelo Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE), mas é adotado as categorias étnico-racial pardo e preto, isto pois:

[...] estudos empíricos que mostraram, por meio de uma série de indicadores socioeconômicos, não haver grandes diferenças entre aqueles que se definem como pretos ou pardos (HASENBALG; SILVA; LIMA, 1999; GUIMARÃES, 2003). (JESUS; HOFFMANN, 2020, p. 07).

Por outro lado, é adotado nesta pesquisa o termo branquitude para nomear a coletividade composta pela identidade racial branca brasileira, a partir do que os autores Tânia M. P. Müller e Lourenço Cardoso (2017, p. 09) conceituam como:

A branquitude significa pertença étnico-racial atribuída ao branco. Podemos entendê-la como o lugar mais elevado da hierarquia racial, um poder de classificar os outros como não brancos, que, dessa forma, significa ser menos do que ele. O ser-branco se expressa na corporeidade, a brancura. E vai além do fenótipo. Ser branco consiste em ser proprietário de privilégios raciais simbólicos e materiais.

Com objetivo de ser construída uma pesquisa antropológica acerca do personagem Albuíno Azeredo da Cunha, primeiramente, torna-se necessário traçar as bases teóricas desse projeto, o assentamento do chão de cimento dessa construção. Por este motivo é de grande importância trazer inicialmente por qual

motivo foi escolhido o método científico denominado trajetória de vida, definido pelo autor Pierre Bourdieu (1989), em sua obra “A ilusão biográfica”. Bourdieu (1989), discute qual dos métodos é rigoroso cientificamente para traçar uma história de vida, se é a biografia ou a trajetória de vida. O debate é valioso, e de maneira breve, será tratado nas próximas linhas.

Ao narrar nossa vida ou até mesmo ao ler uma biografia de vida podemos ter a impressão de que o que chamamos de vida é linear. De maneira fictícia enxergamos que existe um ponto de partida que seguirá um único caminho até chegar a um objetivo final. No entanto, Bourdieu (1989) afirma que a vida é um processo não linear. Mais do que isto, ao observarmos uma vida a ser biografada ou auto narrada percebe-se que há uma ilusão de que o modo de vida é o hipotético evolucionista de nascer, crescer, ter uma profissão, casar, ter filhos, netos e por fim, morrer.

Para confrontar essa visão de trajeto único, Bourdieu (1989) a desconstrói a partir de uma afirmação inicial que a vida real é descontínua, mas de fato há todo um esforço no ato biográfico de enxergar a vida como linear, de que amarrando toda história de vida existe uma unicidade nos acontecimentos que formam um sentido ordinário. Isso pois, a teoria biográfica ou autobiográfica está sustentada na propensão em que o biografado ativamente (no ato de contar-se uma história em que o escritor é o lado ouvinte, num lado um tanto passivo) seleciona determinados fatos que são significativos para si e que os considera significativo para o ouvinte.

Portanto, em uma biografia não há como afirmar que a história de vida narrada é uma completude da vida do biografado, nem que os fatos ocorridos em sua vida aconteceram de forma ordenada como está sendo contada, pois, como afirmado, o biografado “escolhe” quais fatos contar e na ordem que serão sucedidos, e isto, uma linha de vida reta e contínua se deve um tanto a construção da categoria de indivíduo pela cultura ocidental, filosoficamente, juridicamente, politicamente, economicamente e culturalmente, nesta ordem (BERTAUX, 2010), cada categoria “[...] tende a ver o curso de sua existência como se apresentasse uma forte coerência.” (BERTAUX, 2010, p. 49). Assim, para evitar uma “ilusão biográfica” é necessário construir previamente o campo do biografado-personagem, conhecer “[...] o conjunto de relações objetivas.” (BOURDIEU, 1989, p. 190).

Neste sentido, tem-se que o conceito de biografia é composto por uma sucessão de acontecimentos históricos em uma ordem cronológica, formando uma unicidade, que é a vida. Em contrapartida, tem-se o conceito de trajetória de vida, compreende a vida real como não-evolucionista, mas composta por constantes mudanças não ordenadas. Bourdieu (1989, p. 190) constrói o conceito de trajetória de vida como “[...] os acontecimentos biográficos se definem como colocações e deslocamentos no espaço social”.

Na visão bourdieusiana, a humanidade é complexa e ampla, sendo impossível determiná-la de maneira uniforme, única e linear. O mais próximo do real que se pode alcançar é a construção de uma trajetória de vida, em que há a objetivação do *habitus* (MONTAGNER, 2007) e a construção do campo em que o sujeito está inserido. Assim, ao realizar uma trajetória de vida deve-se aplicar uma metodologia de estudo em que o pesquisador realize a construção do campo e das relações do sujeito antes de buscar a narrativa de vida do sujeito pesquisado, para que possa ser confrontada as duas versões e obter uma avaliação rigorosa, que é denominada superfície social (BOURDIEU, 1989).

Pensando na não unicidade, portanto, na pluralidade de caminhos que é a vida, também se entende que um personagem assume papéis diversos em campos diferentes da vida, esmiuçando, um personagem pode ter um papel de marido/esposa, pai/mãe, profissional, acadêmico, militante, político e tantos outros, mas que no fim, será a mesma pessoa, o mesmo personagem. O que garante essa unidade diante da pluralidade é o nome próprio, que estabelece uma identidade social. Neste caso, o que garante a unidade ao nosso personagem é o seu nome Albuíno Cunha de Azeredo, que transita em múltiplos campos, entre o público e o privado, o da engenharia, o da política, o do empresarial e o familiar-pessoal. Mas que através do seu nome próprio tem-se a composição de um ser.

É o nome próprio [...], com a individualidade biológica da qual ele representa a forma socialmente instituída, que assegura a constância através do tempo e a unidade através dos espaços sociais dos diferentes agentes sociais que são a manifestação dessa individualidade nos diferentes campos (BOURDIEU, 1989, p.186).

É dessa maneira que Bourdieu (1989) pontua a possibilidade de uma mesma pessoa compor diversos campos, construindo trajetórias de vida dentro de uma só

trajetória. O nosso personagem é associado em muitos campos de maneira plural, ao longo deste trabalho será visto que muito contrário do que se pensa, Albuíno de Azeredo da Cunha é muito além da sua carreira política e que esta aconteceu de maneira não planejada. Porém, o que mantém um núcleo duro da identidade social de um sujeito é o nome próprio<sup>2</sup>. A constância desta trajetória de vida que representa um sujeito, um agente, de múltiplas ações.

Ela conduz à construção da noção de trajetória como série de posições sucessivamente ocupadas por um mesmo agente (ou um mesmo grupo) num espaço que é ele próprio um devir, estando sujeito a incessantes transformações. Tentar compreender uma vida como uma série única e por si suficiente de acontecimentos sucessivos, sem outro vínculo que não a associação a um "sujeito" cuja constância certamente não é senão aquela de um nome próprio, é quase tão absurdo quanto tentar explicar a razão de um trajeto no metrô sem levar em conta a estrutura da rede, isto é, a matriz das relações objeto (BOURDIEU, 1989, p.186).

Analisando a trajetória de Albuíno em diálogo com o referencial teórico de Bourdieu (1989), é importante destacar que compreender o peso do nome próprio para identidade social de um personagem, que transita em múltiplos campos como um agente social e que mantém uma unidade de representações sobre si é extremamente importante entendê-la para captar os trânsitos sociais e culturais que Albuíno fez ao longo de sua vida, e que ainda é permitido enxergar pelo peso que carrega sua memória e trajetória de vida.

Outro método a ser utilizado para a busca da construção da memória deste personagem, é a narrativa de vida apresentada pelas orientações teóricas e metodológicas de Bertaux (2010), uma vez que será analisada a narrativa da vida de Albuíno através de entrevista realizada com Waldicéia Azeredo, sua viúva, que participou do mesmo mundo social do personagem pesquisado e que traz fortalecimento por suas experiências diretas (BERTAUX, 2010, p. 48). Por isso, se faz necessário tratar, em perspectivas metodológicas, acerca do conceito de narrativa de vida.

---

<sup>2</sup> Importante deixar registrado que hoje, com a exponente luta LGBTQIPAN+, há a possibilidade da mudança do nome próprio em registro de nascimento e até mesmo o uso do nome social, que é a forma pela qual algumas pessoas se identificam. Neste trabalho em específico, o personagem manteve seu nome próprio ao longo de sua vida e o transmitiu para seu filho, Albuíno Júnior, que também herdou do pai a identidade e liderança empresarial, visto que é reconhecido no meio social como "o empresário Albuíno Júnior".

Trata-se de outra importante abordagem para “contar”<sup>3</sup> uma história de vida que toma contribuições da antropologia e da sociologia, é a abordagem etnossociológica de Bertaux (2010). É importante localizar a narrativa de vida como um método diferenciado da história de vida, esta se propõe a descrever a história vivida pelo sujeito pesquisado e, em contrapartida, o método da narrativa de vida compreende a construção e descrição da vida que o sujeito pesquisado narra por ele próprio a partir da sua experiência vivida. Neste caso, a narrativa que Dona Waldicéia faz de sua vida familiar com Albuíno, assim, aduz Bertaux (2010, p.48):

[...] desde que haja forma narrativa em uma entrevista, tendo o sujeito utilizado tal processo para expressar os conteúdos de uma parte da experiência vivida, diremos que existe *algo* de narrativa de vida. [...] Ela se mostra essencial para situar os testemunhos vividos na perspectiva etnossociológica.

Bertaux (2010) trouxe para o campo etnográfico um novo entendimento de como trabalhar o estudo de caso através da pesquisa por entrevista, compreendida em entrevista por narrativa utilizando a perspectiva etnossociológica, que é “[...] estudar um fragmento particular da realidade social-histórica, um objeto social.” (BERTAUX, 2010, p. 16). Desse modo, é através do método etnossociológico que é possível unir o conteúdo vivido narrado pelo entrevistado, a “[...] narrativa de práticas de situação.” (BERTAUX, 2010), ao mundo social em que o sujeito pesquisado está inserido. Assim, captando as relações e indutiva, através deste método iremos analisar mundos sociais que se inserem integrantes da família de Albuíno da Cunha Azeredo e os campos que este se insere, quais sejam, os campos das ciências da engenharia, do econômico/empresarial e da política.

Ao trazer a trajetória de vida de um personagem negro e que se identifica como tal, é necessário trabalharmos epistemologicamente o conceito de identidade, que será pautado pelos referenciais teóricos de Cuche (2002) e Hall (2003). O primeiro debate os múltiplos conceitos de identidade estudado no campo da ciência sociais, assim, será possível alcançar dentro desse arcabouço lógico a diferenciação entre identidade e identificação tão necessário para esta proposta. O segundo, debate o

---

<sup>3</sup> “O verbo “contar” (fazer relato de) é aqui essencial: significa que a produção discursiva do sujeito tomou a forma narrativa (BERTAUX, 2010, p. 47).

conceito de identidade cultural no campo da antropologia, para tratar dos processos de identificação para negros e negras.

O conceito de identidade cultural no campo da Ciências Sociais é construído de maneiras diferentes do ponto de vista, seja objetivista, subjetivista, relacional, situacional e multidimensional (CUCHE, 2002). A identidade objetivista, é marcada pela compreensão da identidade imanente as realidades objetivas ou objetos, portanto, essencialista, estável e definida por critérios objetivos, sendo difundida pelas teses biológicas/hereditárias, culturalistas e primordialistas. A concepção subjetivista da identidade, confronta a ideia dinâmica da identidade, pois há um sentimento individualista de vinculação, ou seja, a identificação seria uma decisão da imaginação individual, desvinculada da coletividade, sendo por isso criticada e recusada por Cucho (2002). A concepção relacional afirma que a identidade se constrói e se reconstrói constantemente no interior das trocas sociais entre grupos, a diferenciação se dá por meio da relação entre os grupos.

Na medida em que a identidade é sempre a resultante de um processo de identificação no interior de uma situação relacional, na medida também em que ela é relativa, pois pode evoluir se a situação relacional mudar, seria talvez preferível adotar como conceito operatório para a análise o conceito de "identificação" do que a "identidade" [Galissot, 1987] (CUCHE, 2002, p. 183).

Este ponto de construção da identidade permite que as mudanças que os grupos étnico-culturais sofrem por interferências de aniquilamento de suas culturas, possam continuar resistindo e serem reconhecidos como tal. A título de exemplo a grande e importante discussão da demarcação de terras indígenas, um grupo étnico-cultural, que passou e ainda passa, por diversos ataques genocidas e são obrigados a saírem de suas terras, a viverem a maneira diversa de sua cultura no processo de luta para sobrevivência, transformando certos "atributos" originários, mas sem deixar de existir a vinculação ou identificação à um povo. Este grupo hoje luta para recuperar seu direito roubado, a terra, estes que sempre foram donos dessa terra chamada Brasil. Porém, sofrem com o olhar externo para serem reconhecidos e identificados como indígenas após tantos processos disruptivos. O olhar objetivista poderia "desidentificar" um grupo de forma injusta na luta pela terra, enquanto o olhar relacional seria o mais próximo da realidade no processo de identificação de um grupo indígena que detém o direito à terra.

Denys Cuche (2002) traz então a proposta de trabalhar o conceito de identidade como um processo de identificação que é dado por meio da relação situacional que o indivíduo vive no contexto da diferenciação cultural entre grupos, é dizer que a identidade cultural nasce da observação do que o grupo cultural demarca como identidade cultural, é definir a fronteira da etnicidade.

Entretanto, as "fronteiras" não são imutáveis. Para Barth, todas as fronteiras são concebidas como uma demarcação social suscetível de ser constantemente renovada pelas trocas. Qualquer mudança na situação social, econômica ou política pode provocar deslocamentos de fronteiras (CUCHE, 2002, p. 201)

E por último a concepção multidimensional, que compreende a pluralidade de múltiplas dimensões, várias referências identificatórias em uma só identidade se tornando sincrético. Assim, podendo imprimir uma flexibilidade nos processos de identificação. Cuche (2002), nos fala sobre como a identidade é lida a partir do relacional ou situacional, ou seja, a identidade construída a partir da diferenciação com o outro. Na trajetória do nosso personagem, Albuíno, relata fatos em entrevista para o Jornal Pasquim em que ao ser identificado como outro, em razão do seu tom de pele, passou por situações de discriminação racial, como conta quando na infância estava com seus colegas e sendo o único negro foi impedido de entrar em uma festa (AZEREDO, 1991).

Aqui, tem-se um dos primeiros processos de identificação do nosso personagem enquanto homem negro, a partir do momento em que estabelece, no campo do poder político e econômico, contato com a branquitude (MÜLLER; CARDOSO, 2017) ele foi diferenciado racialmente. A consciência de sua identidade negra aflora para a percepção que houve uma segregação a partir do que sua identidade expressa, a negritude.

Uma cultura particular não produz por si só uma identidade diferenciada: esta identidade por si só é uma identidade diferenciada: esta identidade resulta unicamente das interações entre os grupos e os procedimentos de diferenciação que eles utilizam em suas relações (CUCHE, 2002, p.182).

Neste ponto, chegamos ao conceito de identidade cultural em Hall (1992), que apresenta importantes apontamentos relacionados sobre as articulações das

identidades nacionais com a categoria raça, que ao contrário do que é proposto numa ideia de povo único, numa perspectiva nacional, em um mundo globalizado não exista mais uma única etnia, “todas nações modernas, são híbridos culturais” (HALL, 1992, p.62). Por este motivo, a categoria raça no processo de identificação é compreendida de forma discursiva.

A raça é uma categoria discursiva e não uma categoria biológica. Isto é, ela é uma categoria organizadora daquelas formas de falar, daqueles sistemas de representação e práticas sociais (discursos) que utilizam um conjunto frouxo, frequentemente pouco específico, de diferenças em termos de características físicas - cor da pele, textura do cabelo, características físicas e corporais, etc, - como marcas simbólicas, a fim de diferenciar socialmente um grupo do outro (HALL, 1992, p. 63).

É, portanto, o processo de identificação racial a partir da compreensão discursiva racial de um determinado grupo que é marcada pela diferenciação linguística, como o “pretuguês” em que “[...] nada mais é do que marca de africanização do português falado no Brasil” (GONZALEZ, 1980, p.70) e outros demarcadores expressivos. O impacto da globalização nas sociedades modernas na visão de Hall (1992), alcançaria então três possíveis consequências identitárias, contestação das identidades nacionais, o fortalecimento da identidade local ou a produção de novas identidades. O fortalecimento da identidade local é “[...] O fortalecimento de identidades locais pode ser visto na forte reação defensiva daqueles membros dos grupos étnicos dominantes que se sentem ameaçados pela presença de outras culturas.” (HALL, 2003, p. 85).

É assim, que nosso personagem foi objeto de diferenciação social em razão da sua identidade racial no processo eleitoral em comício em Venda Nova do Imigrante e foi informado que seu adversário afirmava que católicos não poderiam votar em um homem negro, simplesmente por ser negro (AZEREDO, 1991). Aquele grupo, formado majoritariamente de origem italiana, utiliza a identidade negra de Albuíno para desqualificá-lo como candidato a governador.

A trajetória de Albuíno foi marcada por ser o único negro dos lugares em que transitou, essa relação diferencial afetava a aceitabilidade pela branquitude (MÜLLER; CARDOSO, 2017). A trajetória de vida de Albuíno ser atravessada por racismos, nos leva a compreender o que Cuche (2002, p. 182) afirma que “[...] a

construção da identidade não é uma ilusão, pois é dotada de eficácia social, produzindo efeitos sociais.”. Efeitos sociais aqui compreendidos nesta trajetória que desembocam em casos de racismos vividos pelo personagem. Um dos exemplos foi o racismo institucional que levou a sua não permanência na Academia das Agulhas Negras, como narra o próprio personagem, a sua vivência no ambiente militar foi perpassada pela prática racista, em que era tratado de maneira diferencial em relação aos demais, ao ter sua capacidade testada a mais, tinha de mostrar ser duas vezes melhor “[...] sentia a discriminação, aliás não foi só lá, até eu provar que tinha capacidade eu era muito mais testados do que os outros.” (AZEREDO, 1991).

Aqui, é possível compreender o racismo institucional a partir da ideia de ações segregadoras e ou diferenciadoras praticadas por uma instituição pública ou privada, contra negros/negras, unicamente em razão do preconceito racial. Neste sentido, utiliza-se a definição trazida pela obra “Racismo Institucional - uma abordagem conceitual” desenvolvido pelo GELEDÉS – Instituto da Mulher Negra:

O racismo institucional ou sistêmico opera de forma a induzir, manter e condicionar a organização e a ação do Estado, suas instituições e políticas públicas – atuando também nas instituições privadas, produzindo e reproduzindo a hierarquia racial. Ele foi definido pelos ativistas integrantes do grupo Panteras Negras Stokely Carmichael e Charles Hamilton em 1967 (GELEDÉS, 2013, p. 17).

No livro “No País do Racismo Institucional - Dez anos de ações do GT Racismo do MPPE” produzido e organizado pelo Ministério Público de Pernambuco, ao trazer o debate “Um racismo silenciado - e institucionalizado”, apresenta:

Outro marco institucional público relativo à questão racial brasileira foi a instrumentalização, completamente ideológica, realizada pela Ditadura Militar no sentido de nos exibir como “um só povo”, sem distinção de raças e completamente coesos socialmente. [...] Essa invisibilidade institucional está relacionada fortemente à identidade do ser humano. Neste sentido, evocando as importantes análises de Charles Taylor, Silvério observa que nossa identidade é parcialmente moldada a partir do reconhecimento que vem do outro ou da falta deste. Significa dizer que o modo como somos representados possui enorme importância a partir do momento que espriam e legitimam uma imagem negativa ou positiva. Assim, moldamos nossa experiência social a partir de avaliações e classificações externas que podem nos valorizar ou, contrariamente, enfraquecer nosso prestígio e macular mesmo nossa percepção de humanidade (MORAES, 2013, p. 23-24).

Deste modo, recorro ao conceito de racismo em Munanga (2003; 2006). Ao compreender as questões raciais e identitárias, respeitando os processos diferenciais que a população negra vive no Brasil, Munanga (2003; 2006) apresenta o negro no pensamento social, que é determinado como o “outro” historicamente, sendo tratado como subalterno, reforçando a reprodução do racismo, evidenciando a hierarquização racial decorrente de uma diferenciação produzida pela branquitude com objetivo de dominação racial (MUNANGA, 2006, p. 49). O conceito de raça, como mencionado anteriormente no entendimento de Hall (1992), não é mais atribuído biologicamente, assim também o é compreendido por Munanga (2003; 2006), este compreende a raça como uma categoria social, próximo ao paralelo feito por Hall (1992) que a compreende como um discurso de prática social.

Podemos observar que o conceito de raça tal como o empregamos hoje, nada tem de biológico. É um conceito carregado de ideologia, pois como todas as ideologias, ele esconde uma coisa não proclamada: a relação de poder e de dominação.[...]. É a partir dessas raças fictícias ou “raças sociais” que se reproduzem e se mantêm os racismos populares (MUNANGA, 2003, p.06).

Dessa maneira, por muitos anos a raça biologizante foi utilizada no mecanismo de hierarquização racial, de maneira eugenista<sup>4</sup> sob a justificativa em atribuir aspectos físicos e psicológicos ligados a uma raça que seria qualificada e classificada biologicamente, essa qualificação geraria, portanto, uma hierarquização racial.

Infelizmente, desde o início, eles se deram o direito de hierarquizar, isto é, de estabelecer uma escala de valores entre as chamadas raças. O fizeram erigindo uma relação intrínseca entre o biológico (cor da pele, traços morfológicos) e as qualidades psicológicas, morais, intelectuais e culturais (MUNANGA, 2003, p.05).

Nesta lógica, os cientistas então utilizaram-se de métodos qualificadores para atribuir objetivamente a diferenciação racial a partir de tons da pele, cabelo, formato do nariz, formato da boca e etc., que se estabeleceu à época uma divisão tripartida das raças que até hoje ainda é erroneamente utilizada.

---

<sup>4</sup> Francis Galton, fundador do conceito de eugenia em 1883, ver: DEL CONT, Valdeir. Francis Galton: eugenia e hereditariedade. *In*: scientiæ zudia, São. Paulo, v. 6, n. 2, p. 201-18, 2008.

No século XVIII, a cor da pele foi considerada como um critério fundamental e divisor d'água entre as chamadas raças. Por isso, que a espécie humana ficou dividida em três raças estancas que resistem até hoje no imaginário coletiva e na terminologia científica: raça branca, negra e amarela (MUNANGA, 2003, p.03).

O autor então descreve que com os avanços tecnológicos nos estudos sobre a raça, passou a ser entendido que através do estudo sanguíneo não havia como falar em distâncias raciais entre grupos da raça branca, negra e amarela, em razão da composição genética. A exemplo, apresenta o caso de que um senegalês poder apresentar mais proximidade genética com um norueguês do que com congolês (MUNANGA, 2003).

Combinando todos esses desencontros com os progressos realizados na própria ciência biológica (genética humana, biologia molecular, bioquímica), os estudiosos desse campo de conhecimento chegaram a conclusão de que a raça não é uma realidade biológica, mas sim apenas um conceito alias cientificamente inoperante para explicar a diversidade humana e para dividi-la em raças estancas. Ou seja, biológica e cientificamente, as raças não existem (MUNANGA, 2003, p.04).

A distinção a partir da conceituação de raça biológica, apesar de ter sido desconstruída dentro do seu próprio campo, tomou proporções no campo social. Portanto, hoje, compreende-se que o racismo é uma construção social que se utiliza de teorias raciais biológicas construídas séculos atrás na classificação das raças. De fato, a cientificidade biológica que um dia teorizou sobre as raças instrumentalizando as características estéticas, ressoa nos dias atuais na discriminação racial e a prática racista.

Com efeito, com base nas relações entre “raça” e “racismo”, o racismo seria teoricamente uma ideologia essencialista que postula a divisão da humanidade em grandes grupos chamados raças contrastadas que têm características físicas hereditárias comuns, sendo estas últimas suportes das características psicológicas, morais, intelectuais e estéticas se situam numa escala de valores desiguais (MUNANGA, 2003, p.07).

Assim, apesar da evolução dos estudos no campo biológico acerca dos estudos sanguíneos acima mencionados apresentarem resultados que anulam divisão racial tripartida a partir das categorias físicas, como o tom de pele, esses estudos tomaram proporções ideológicas, que hoje habitam o campo social e político, produzindo a discriminação racial, o racismo. “Em segundo lugar, sabemos

todos que o conteúdo da raça é social e político. Se para o biólogo molecular ou o geneticista humano a raça não existe, ela existe na cabeça dos racistas e de suas vítimas.” (MUNANGA, 2006, p.52).

No entanto, a tecnologia racista não se ateve unicamente aos aspectos físicos e morfológicos, avançou-se para um ataque classificatório da construção étnica de um grupo, o que compõe a identidade cultural de um grupo, as diferenças linguísticas, religiosas e entre outras.

O racista cria a raça no sentido sociológico, ou seja, a raça no imaginário do racista não é exclusivamente um grupo definido pelos traços físicos. A raça na cabeça dele é um grupo social com traços culturais, linguísticos, religiosos, etc. que ele considera naturalmente inferiores ao grupo a qual ele pertence. De outro modo, o racismo é essa tendência que consiste em considerar que as características intelectuais e morais de um dado grupo, são consequências diretas de suas características físicas ou biológicas. (MUNANGA, 2003, p. 08).

Então, a problemática não se encontra mais na diferença entre raças, mas no racismo, que erroneamente se justifica de construtos biológicos antigos para hoje hierarquizar grupos étnicos e dominá-los.

O problema fundamental não está na raça, que é uma classificação pseudocientífica rejeitada pelos próprios cientistas da área biológica. O nó do problema está no racismo que hierarquiza, desumaniza e justifica a discriminação existente. Há cerca de 40 anos geneticistas e biólogos moleculares afirmaram que as raças puras não existem cientificamente (cf. Jean Hiernaux, J. Ruffié, A. Jacquard, F. Jacob, etc.) (MUNANGA, 2006, p. 53).

A compreensão hoje de uma identidade cultural, não é racial no sentido determinista e hierarquizante, mas étnica, as práticas culturais são transmitidas, e vale lembrar, reconstruída dentro dos seus deslocamentos de identidade (HALL, 1992) entre os grupos que se formam a partir de uma expressão em comum que demarcam uma diferença.

Uma etnia é um conjunto de indivíduos que, histórico ou mitologicamente, têm um ancestral comum; têm uma língua em comum, uma mesma religião ou cosmovisão; uma mesma cultura e moram geograficamente num mesmo território (MUNANGA, 2006, p.12).

Diante desta análise e construção da memória de Albuíno e entendendo-o como um personagem de memória, busco em Pollak (1989 e 1992), para quem a memória pode ser lida como um dado tanto no plano individual, quanto no plano coletivo. O autor escreve também sobre memória como uma herança, isto é, memória herdada, que é passada de geração em geração, também denominada por Pollak (1992) como memória vivida por tabela. O autor também traz os conceitos de memória coletiva em disputa e enquadramento da memória (POLLAK, 1989). Segundo Pollak (1992), a memória pode ser constituída levando em consideração algumas características, entre elas, as “pessoas, personagens” e os lugares de memória.

Os nomes de pessoas-personagens, sobretudo personagens públicos de grande representatividade social, podem ser usados para nomear lugares e monumentos públicos, constituindo-se, assim, uma forma de prolongar a memória relacionada àqueles personagens, sobretudo os que já faleceram. A memória, então, é projetada ou transferida de maneira individual ou coletiva, por este motivo, a memória é um dado sensível que depende de uma ação para manter-se viva, fazendo com que a memória possa ser seletiva. Nesse sentido, a organização da memória sofre influências de preocupações políticas e pessoais, a partir disso se afirma que a memória é construída (POLLAK, 1992). Posto que a memória é uma construção, Pollak (1992) classifica três elementos essenciais nesse processo de construção:

Há a unidade física, ou seja, o sentimento de ter fronteiras físicas, no caso do corpo da pessoa, ou fronteiras de pertencimento ao grupo, no caso de um coletivo; há a continuidade dentro do tempo, no sentido físico da palavra, mas também no sentido moral e psicológico; finalmente, há o sentimento de coerência, ou seja, de que os diferentes elementos que formam um indivíduo são efetivamente unificados (POLLAK, 1992, p.05).

É a partir disso que o autor afirma que a memória construída advém dos elementos físicos (corpo ou fronteira), temporal, moral/psicológico e se atrelam à construção do sentimento de identidade. Assim como para a autora Beatriz Nascimento (2018), em seu documentário Orí, afirma que a corporeidade negra carrega em si memória e identidade.

Para além disso, podemos afirmar que o corpo negro carrega a história e a memória coletiva de uma comunidade, a população negra brasileira. Quando traçamos trajetórias de vidas de indivíduos negros brasileiros que viveram neste território marcadamente pelo racismo, estamos tratando de uma memória coletiva, pois suas vivências individuais se interligam a uma vivência coletiva. Cada homem negro e mulher negra possuem individualidade e aspectos que não podem ser resumidos a uma única pauta, não é o que se pretende afirmar, mas assim como Beatriz Nascimento nos escritos trazidos por Alex Ratts em “Eu sou Atlântica” (RATTS, 2006) afirma o corpo negro carrega uma memória e identidade coletiva, da negritude. Por isso, a memória coletiva tem uma função que é garantir suas referências ao passado, para que possa ser guardado com coesão o lugar da comunidade negra na história brasileira, é o que Pollak (1989, p. 09) explica que a memória coletiva é resultado de um processo, que é constituída por “operações coletiva dos acontecimentos e das interpretações do passado”.

Assim, a memória nacional, que é resultado de uma construção perpassa por ações de políticas institucionais, que é o que Pollak (1989) vai denominar como a disputa pela memória coletiva através do trabalho de enquadramento da memória:

O trabalho de enquadramento da memória se alimenta do material fornecido pela história. Esse material pode sem dúvida ser interpretado e combinado a um sem-número de referências associadas; guiado pela preocupação não apenas de manter as fronteiras sociais, mas também de modificá-las, esse trabalho reinterpreta incessantemente o passado em função dos combates do presente e do futuro (POLLAK, 1989, p.08).

Dessa maneira, a história do negro brasileiro que sempre foi representada na marginalidade social e econômico como única trajetória, este trabalho acadêmico em construir e reconstruir o registro de um grande personagem com a sua marcante intelectualidade busca reinterpretar a história através do enquadramento da memória (POLLAK, 1989, p. 10), indo de encontro com o projeto de invisibilização de personalidades negras intelectuais e pioneiras em seu campo, buscando promover, ao dar visibilidade a trajetória de Albuíno Azeredo, uma identidade negra que também pode e é composta por grande intelectualidade, diante de um personagem negro que alcançou reconhecimento social e ascendeu economicamente por meio

de sua intelectualidade (ainda que marcado por opressões racistas), assim, como afirma a intelectual negra Beatriz do Nascimento (2018, p. 330) “[...] a invisibilidade está na perda da identidade.”, o apagamento e o silenciamento de trajetórias como esta atua para o não-identificação deste lugar - de intelectualidade - para população negra, mas sim para a marginalidade.

E só é possível lutar contra a invisibilidade da pluralidade contida na identidade negra através de uma consciência negra Kabengele Munanga (2023) conceitua consciência negra:

Consciência negra é ter um conhecimento claro, sobre a situação do negro na história da humanidade, a situação do negro nos países da diáspora, onde os africanos foram escravizados, onde seus descendentes ainda são vítimas de preconceitos de discriminação racial, das práticas racistas que criam desigualdades onde são as maiores vítimas da violência policial e todas as formas de violências, onde são excluídas de participação em todos setores da vida nacional, é colocar a questão de saber como sair dessa situação, como se libertar como conquistar seus direitos na sociedade brasileira, isso se faz com a consciência, conhecimento claro de quem somos, de onde viemos e pra onde vamos (MUNANGA, 2023).

Portanto, este trabalho ao analisar a trajetória de vida deste personagem, através de sua vivência enquanto um corpo negro que transitou em espaços de poder, carrega em si a memória e identidade afro-brasileira, e trazer para o campo acadêmico é demarcar a luta por uma consciência negra com objetivo de alcançar a liberdade do preconceito racial e contribuir para retirar a intelectualidade negra da marginalidade acadêmica.

### **3. ALBUÍNO CUNHA DE AZEREDO: TRAJETÓRIA, MEMÓRIA E AUTOIDENTIFICAÇÃO NEGRA**

O personagem analisado nesta pesquisa terá sua trajetória de vida (BOURDIEU, 1989) descrita e debatida a partir de sua identidade e memória, como mencionado no capítulo anterior o conceito de trajetória de vida abarca uma vida plural, tal sentido pode ser captado pelo próprio escrito do personagem no artigo de sua autoria “Justiça Social como Princípio” com colaboração do jornalista Luiz Antônio dos Santos de 2012. Nesse sentido, a intelectualidade de Albuíno Azeredo é multifacetada em quatro principais frentes: professor, engenheiro, empresário e político. Nesse sentido, este capítulo irá trabalhar com as quatro formas de intelectualidade do personagem ao traçar sua trajetória. E analisar sua vivência enquanto um homem negro que ascendeu socialmente e perpassou pelos quatro campos tão marcados historicamente pela branquitude e pela elite.

Assim, por se tratar de uma vida plural, e utilizando o conceito de Bourdieu (1989) este capítulo não será traçado a partir de uma linearidade da vida, pois como será compreendido, as quatro expressões intelectuais do personagem aparecem em diferentes momentos da vida. Mas, com o objetivo de traçar um ponto de partida e um ponto de chegada, será obedecida uma ordem cronológica do tempo.

#### **3.1 - VIDA FAMILIAR E CAPITAL SOCIOCULTURAL NOS PRIMEIROS ANOS**

Os primeiros anos de vida de Albuíno Azeredo são encontrados nos registros bibliográficos com os dados de nascimento no município de Vila Velha/ES, no ano de 1945. Quando criança residia no bairro Argolas (GURGEL, 2012), um tempo depois, sua família mudou-se para o bairro Aribiri, e, por fim, para o bairro Jaburuna, no mesmo município (AZEREDO, 2012).

Filho de Normília Cunha Santos, que era lavadeira de roupas (PASQUIM, 1990), formando-se posteriormente como professora, passou a atuar em escolas públicas. Seu pai também se chamava Albuíno Azeredo. Quanto à profissão do seu

pai, é possível encontrar nos registros documentais a de telégrafo (PASQUIM, 1990), contador (GURGEL, 2012, p. 19) e ferroviário (AZEREDO, 2012, p. 73). Percebe-se que o trabalho ferroviário na trajetória de Albuíno vem de família, ao passo que seu avô por parte de mãe, Eduardo Ferreira Azeredo, também teve como profissão ser ferroviário. Como bem afirma Albuíno Azeredo em seu artigo: “Agradeço muito a Deus o fato de ter nascido no seio de uma família ferroviária” (AZEREDO, 2012, p. 73). Na sua ascendência, ainda há um grande destaque para a avó Dona Maria, que com rigor, contribuiu para a criação e a educação de Albuíno (GURGEL, 2012).

Dona Maria, como muitas avós pretas de periferia, se responsabilizou por uma boa parte do processo de desenvolvimento do neto. Albuíno descreve um fato marcante no seu processo de educação e ética, que na sua infância pegava frutos de laranjeira do pé de árvore do vizinho que tinha um galho voltado para o quintal de sua casa, ao chegar ao conhecimento de Dona Maria fez Albuíno devolver todos os frutos para o vizinho. É indicativo a grande importância que Dona Maria teve nos anos iniciais de Albuíno. Além de suprir uma certa ausência dos pais em razão de seus respectivos trabalhos, Dona Maria produzia doces de mamão cristalizados os quais Albuíno vendia na rua para contribuir na renda familiar quando criança (AZEREDO, 1991).

A consciência racial de Albuíno esteve presente desde os anos iniciais de sua trajetória de vida. Em entrevista ao Jornal Pasquim em 1991, ao ser indagado se por ser negro ele vivenciou alguma discriminação, Albuíno afirma: “[...] desde a infância eu sentia essa discriminação, me lembro de alguns fatos que marcaram a minha infância” (AZEREDO, 1991). Albuíno então relata que ao sair com amigos que tinha entre 12 e 14 anos de idade foi o único a ser proibido de entrar na festa de aniversário e era o único negro do grupo (AZEREDO, 1991).

### 3.2 - TRAJETÓRIA ESCOLAR E EMPRESARIAL

A infância de Albuíno até chegar o ensino superior foi atravessada por dificuldades financeiras apesar de sua família ter sido muito trabalhadora, a renda de sua mãe como professora do ensino primário e a perda do pai aos 11 (onze) anos de

idade não permitiam uma certa folga, a situação econômica da família contava em grande parte com a contribuição do filho homem mais velho, então, Albuíno desde cedo teve de buscar contribuir com a renda familiar, sempre conciliando com os estudos (GURGEL, 2012). A mãe de Albuíno, Dona Normília, como professora do curso primário do Grupo Escolar Ofélia Escobar, no bairro Aribiri, em Vila Velha, colocou o filho para estudar na mesma escola e o rigor por ser o filho da professora era de se esperar. E pela orientação e exemplo, principalmente de Dona Normília e Dona Maria, mulheres que sempre cobraram de Albuíno boas notas na escola e uma postura moral positiva refletiu em uma boa educação, apesar das dificuldades. Já nessa fase da infância, Albuíno vendia na rua e nos jogos de futebol do bairro os doces de mamão cristalizados que D. Maria produzia e as verduras que ela cultivava (GURGEL, 2012).

Anos após veio a admissão em uma escola particular que o pai, Albuíno Azeredo, trabalhava como contador. Assim, começou a estudar no Colégio Marista. Ao entrar no Colégio Marista para cursar o ginásio, que atualmente corresponde aos quatro últimos anos do ensino fundamental, iniciou seus estudos após passar no Exame de Admissão. E a trajetória educacional de Albuíno já dava indícios de ser promissora. O aluno inteligente utilizava seu êxito nos estudos para dar aulas particulares com apenas 11 (onze) anos de idade aos alunos que iriam tentar o Exame de Admissão, a forma que encontrou para auferir renda ensinando de quinze a vinte alunos (GURGEL, 2012).

Na fase de sua adolescência quando passou para o científico, atual ensino médio, no Colégio Estadual continuou na empreitada como professor, agora com aulas de reforço escolar para os alunos do ginásio. Albuíno mostrava-se ter uma boa relação com quem convivia, seja conseguindo alunos para dar aulas, mas também a maneira como era ajudado pelas pessoas ao seu redor, que contou com a doação de roupas e livros dos colegas de turma, tanto do ginásio, atual ensino fundamental, quanto do científico atual ensino médio técnico (AZEREDO, 1991). Esse personagem tinha tantas habilidades, uma vida tão plural que explorou diversas maneiras de auferir renda, desde sendo vendedor de doces e verduras quando criança, professor e com 17 anos fez da sua paixão pelo futebol mais uma profissão, jogando pelo Atlético de Vila Velha e ganhava um salário, que até chegar ao ensino superior foi um bom suporte financeiro (GURGEL, 2012).

Com histórico de dedicação aos estudos, colocando a educação no centro de sua vida, apesar das dificuldades socioeconômicas, Albuíno se destacou, sendo filho de professora, negro, de periferia, conseguiu chegar ao ensino universitário público. O preparatório para o vestibular foi mais um fato da garra de Albuíno. Como não podia arcar com os custos do vestibular, prestou uma prova para uma bolsa e passou em segundo lugar. Já nas aulas preparatórias teve aula com um engenheiro, Carlos Augusto Pacheco, que foi sua inspiração para a escolha da futura profissão (GURGEL, 2012). O processo de escolarização vivenciado por Albuíno e sua família, demonstra como os estudos são um instrumento utilizado pela comunidade negra para ascensão social, Dona Normília saiu de um emprego informal, como lavadeira, ingressou nos estudos de magistério e pôde se tornar professora. Albuíno Azeredo, o pai de Albuíno foi ferroviário e após iniciar o processo de escolarização para se tornar contador, pôde oferecer ao seu filho um espaço educacional mais estruturado em um ensino particular, ainda que com bolsa (GURGEL, 2012).

Estes exemplos, do pai e da mãe e a própria trajetória escolar de Albuíno Azeredo em busca de qualificação através dos estudos, pode ser compreendido como um refúgio do racismo (SILVA, 2016), que determina o lugar social que a população negra deveria ocupar no pós-abolição, a marginalidade e a pobreza. A educação nesta família Azeredo, se revelou ser um instrumento pela luta por um mínimo de igualdade econômica. É o que Petronilha Beatriz Gonçalves e Silva (2016) especialista em educação das relações étnico-raciais nos traz ao escrever a apresentação do livro “A História da Educação dos Negros No Brasil”:

A escola, melhor dizendo a escolarização, é um valor para a comunidade negra. Eu o sabia, pois assim aprendi no seio da minha família, na convivência com a comunidade negra. Em pesquisa que eu e operários negros realizamos, lá em 1985, ficou explicitado que a escolarização era um valor de refúgio, para nós negras e negros. Por que valor de refúgio? Não que nos refugiemos nas escolas, onde com frequência nos submetem, por força de persistente racismo institucional, a experiências de discriminação, desrespeito, sofrimentos. Mas porque, com os conhecimentos adquiridos nas escolas, temos mais condições de expressar para além da nossa comunidade, quem somos, que projeto de sociedade defendemos enquanto descendentes de africanos. E, assim, possamos, em conjunto com os demais cidadãos e cidadãs construir uma sociedade que definitivamente inclua, respeite e apoie a todos. Refúgio, nesse caso, pois, não é um abrigo, mas um instrumento para fazer conhecido e reconhecido um povo, o nosso povo negro, e sua luta (SILVA, 2016).

Antes de chegar a se formar como Engenheiro na Universidade Federal do Espírito Santo, teve uma breve passagem na Academia Militar das Agulhas Negras. A preocupação com a situação econômica de sua família sempre esteve presente e Albuíno se interessou em entrar na Academia Militar das Agulhas Negras local em que receberia livro, uniforme, uma ajuda nos custos diferentemente do curso de Engenharia (AZEREDO, 1991). Na Academia Militar das Agulhas Negras era o único negro e Albuíno vivenciava uma forte discriminação por ser negro e pobre, apesar de ter sido aprovado para Academia ainda duvidavam de sua capacidade e era testado mais do que os demais colegas, em relato para o Jornal Pasquim (1991), Albuíno afirma:

É evidente que, nessa trajetória, encontrei pessoas que tentaram tirar da minha cabeça essa caminhada. Me lembro que, quando fui fazer a matrícula, houve uma pessoa que me disse que eu ia perder meu tempo. Como é que era minha história? Qual era a minha família? Eu disse: olha, minha família é de João ninguém...

João Carlos - Quem disse isso?

Albuíno - Foi um capitão que me recebeu lá, um tal de Caldas. Mas eu disse: não, quero fazer a prova! E fui bem-sucedido, mas sentia a discriminação, aliás não foi só lá, até eu provar que tinha capacidade eu era muito mais testados do que os outros.

João Carlos - Isso era porque você era pobre ou porque era pobre e preto?

Albuíno - acho que era uma associação das duas coisas.

Jaguar - Havia outros negros na Academia?

Albuíno - Não (AZEREDO, 1991).

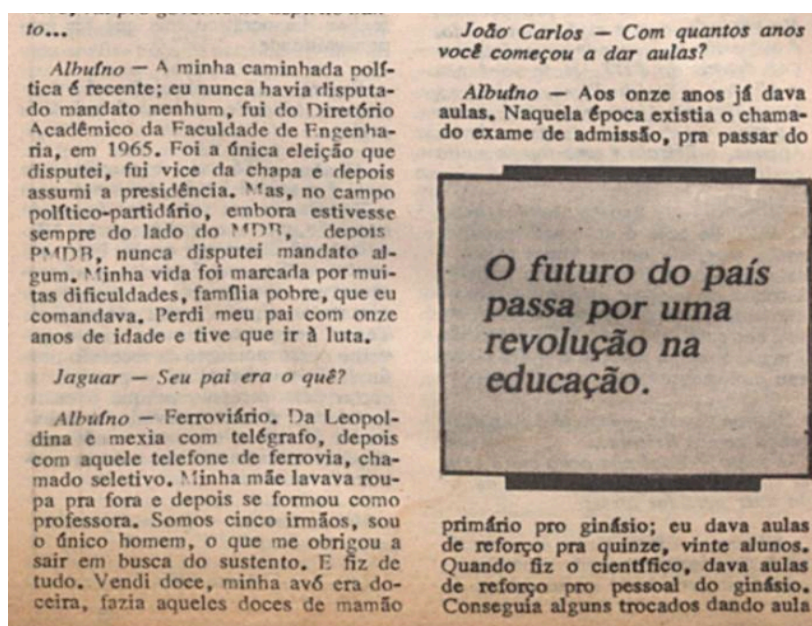
Após 45 (quarenta e cinco) dias reavaliou sua posição na Academia Militar das Agulhas Negras decidiu deixá-la para voltar ao curso de Engenharia na Universidade Federal do Espírito Santo, não teria a ajuda de custo como na Academia Militar das Agulhas Negras, mas decidiu que não poderia permanecer mais num local tão hostil. Ao voltar para Universidade Federal do Espírito Santo, de pronto decidiu continuar com o que já sabia: dar aulas. E assim, novamente Albuíno conciliaria os estudos com o trabalho (AZEREDO, 1991).

À essa altura não jogava mais futebol como profissional por ter escolhido continuar sua carreira acadêmica, sem o salário que o time pagava encontrou no lecionar uma maneira de arcar com suas obrigações junto à família. Primeiro, iniciou como monitor junto a um professor de química no curso de Engenharia. Posteriormente foi convidado a lecionar no curso de pré-vestibular onde foi aluno alguns anos antes. Além de ter sido professor em diversos outros centros de ensino,

como: Colégio Marista, Colégio Americano Batista de Vitória, Ginásio Jones dos Santos Neves e Escola Técnica Federal do Espírito Santo (GURGEL, 2012).

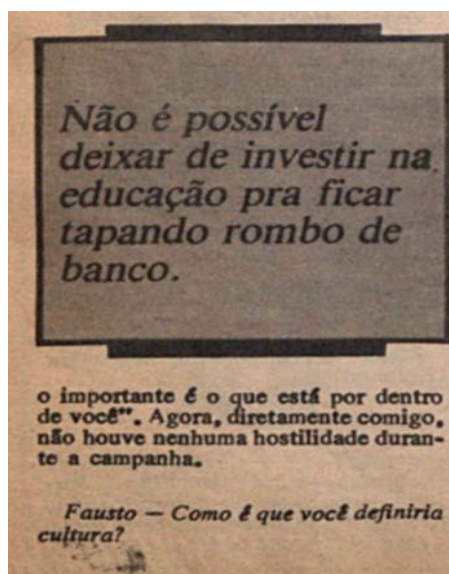
É indicativo o quão a trajetória educacional de Albuíno tem um grande peso em relação às demais áreas de sua vida, da política e empresarial. E revela quanto enxergava na educação uma forma de transformação socio-econômica, afinal, a educação em sua vida o possibilitou ascender economicamente e socialmente. Em entrevista para o Jornal Pasquim (1991) após ser eleito Governador, em alguns momentos é perceptível ao expressar sua opinião em alguns momentos sobre o assunto. Além de levantar uma importante questão acerca da educação no Brasil. Para Albuíno seria necessária uma revolução na educação brasileira para alcançar um futuro próspero para o país. Abaixo é apresentado recortes do Jornal Pasquim (1991) que contém trechos da entrevista que foram destacadas, falas em que Albuíno se manifesta acerca da importância da educação.

Figura 1 - O futuro do país passa por uma evolução na educação



Fonte: Site Vitrine Capixaba (2021).

Figura 2 - Não é possível deixar de investir na educação



Fonte: Site Vitrine Capixaba (2021).

E como um homem negro e pobre que acessou a universidade pública enquanto exceção, em sua turma de Engenharia é possível identificar uma ínfima presença de negros. Albuíno anos mais tarde, em artigo autobiográfico manifesta-se a importância da Lei de Cotas para a população negra e adjetiva como um “mal necessário” a moção de processos para aplicação da Lei de Ensino de História e Cultura Afro-Brasileira:

Em referência ao fato de estarem sendo iniciados processos judiciais contra autoridades por falta de cumprimento da Lei 10.639, cabe salientar o fato de que, infelizmente, a falta de conscientização sobre o que a inclusão representa para nós, ela acaba abrigando o uso de determinados mecanismos que julgo que, se pudéssemos evitaríamos. Ocorre que é um mal necessário estabelecer estes mecanismos. E fazê-los serem cumpridos também é um mal necessário, pois se nós não conseguirmos conscientizar a sociedade nós vamos passar uma eternidade, esperar mais 100 anos para conseguir juntar todo mundo. Por isto vamos ter de usar este mecanismo e fazer cumprir a lei, para o bem do país. Assim como a Lei 10.639, também as cotas para afro-descendentes em universidades também vejo como um mal necessário e, paralelamente a isso, temos de usar a imaginação para que a catequese extralegislação possa se difundir, porque essa força será maior do que a legislação. Enquanto essa força ainda é frágil temos que usar a lei (AZEREDO, 2012 p. 70).

Além de trabalhar como professor em muitas escolas e cursinho vestibular, Albuíno realizou um estágio a convite de um de seus professores, José Himério de Oliveira, na Companhia Vale do Rio Doce, empresa que anos mais tarde iniciaria sua

vida profissional como Engenheiro (GURGEL, 2012). A sua trajetória política inicia-se sem muitas pretensões, no segundo ano da faculdade de Engenharia, no ano do Golpe Militar, em 1964, por influência de seus colegas se inscreveu para concorrer ao Diretório Acadêmico de Engenharia e foi eleito. Passou por algumas turbulências por um desentendimento com o candidato a presidente do Diretório Acadêmico, que acusou Albuíno de ter utilizado dinheiro do Diretório Acadêmico para financiar uma festa. Porém, o caso se encerrou com o presidente pedindo renúncia do Diretório, uma vez reconhecido que havia feito uma denúncia infundada (GURGEL, 2012).

Ponto importante este, uma vez que Albuíno - que um dia chegaria em um dos mais altos cargos do executivo - teve sua primeira experiência política em um período marcado na história do Brasil, a Ditadura Militar. E em um trecho do artigo de sua própria autoria “Justiça Social como Princípio”, Albuíno se posiciona:

Sou democrata por convicção e portanto a ditadura nunca foi e nem será bem recebida por mim. A ditadura fez malefícios ao país, ela represou o desenvolvimento da educação no país. A educação era o veículo que levava os movimentos adiante na revolta e no repúdio à repressão. Ela foi muito perseguida, muito coagida e o Brasil perdeu muito, pois a ditadura prejudicou os avanços no campo educacional, inclusive na gestão nas escolas, na gestão pública, nós perdemos um tempo precioso (AZEREDO, 2012, p. 60).

Formou-se em 1967, tornando-se a partir de então um Engenheiro formado por uma Universidade Pública Federal. Toda sua trajetória acadêmica construída sob muito esforço, sempre conciliada com jornadas de trabalho desde os primeiros anos ali refletidos em um resultado: uma profissão que proporciona uma ascendência econômica e social. Um fato por si só que destacava a inteligência e luta de Albuíno, um homem negro de periferia nos anos 70 concluir o ensino universitário em uma Universidade Pública (GURGEL, 2012; AZEREDO, 1991).

Ao finalizar a graduação de Engenharia transferiu-se para o Rio de Janeiro e cursou informática e administração de empresas na Pontifícia Universidade Católica em 1968-1969 (ANE, 2023).

Entre trabalho, estudos e a obtenção do bacharelado em Engenharia Albuíno constituía uma família com Waldicéia, que fora sua primeira namorada e casou-se

enquanto terminava sua graduação em Engenharia e Waldicéia concluía o Magistério. Logo ao se formar passou no concurso para Professor de Engenharia na Universidade Federal do Espírito Santo e concomitantemente foi efetivado na Companhia Vale do Rio Doce, onde era estagiário. No entanto, ficou afastado por um determinado tempo por não conseguir conciliar com seu trabalho na Companhia Vale do Rio Doce (GURGEL, 2012; AZEREDO, 1991).

A entrada de Albuíno na Companhia Vale do Rio Doce como seu primeiro emprego como engenheiro formado foi a convite de seu professor e dirigente da estatal à época, Eliezer Batista. Na Companhia Vale do Rio Doce exerceu os cargos de engenheiro de via permanente, chefe da divisão de engenharia civil, coordenador de duplicação e sinalização da Estrada de Ferro Vitória-Minas, e diretor da subsidiária Intervale S.A (FGV, 2022). A Companhia executou um importante projeto para a duplicação da Estrada de Ferro Vitória a Minas e colocou em prática seu saber de logística e de planejamento estratégico obtendo reconhecimento de um bom trabalho foi promovido a Chefe da Divisão de Engenharia Civil e do Departamento da Estrada de Ferro Vitória a Minas. Na Companhia Vale do Rio Doce pôde desenvolver projetos e seu reconhecimento chegou ao âmbito internacional, recebendo visitas técnicas de várias partes do mundo para analisar a modernização efetivada na Estrada de Ferro Vitória a Minas (GURGEL, 2012). Depois de sua grande experiência na Companhia Vale do Rio Doce e na subsidiária Interbrás Ferroviária decidiu tornar-se dono de seu próprio negócio passando a empreender juntamente de outros três funcionários e colegas da Companhia Vale do Rio Doce, Antônio Carlos Tancredo, Saturnino de Freitas Mauro e Sérgio Misse, fundando a ENEFER Consultoria Projetos Ltda. em 1978, dando os primeiros passos na sua trajetória empresarial (GURGEL, 2012).

A ENEFER foi criada para ser uma empresa de engenharia especializada em estudos e consultorias da área de engenharia de transporte ferroviário e logo deslanchou mudando suas instalações para o Rio de Janeiro, fazendo com que Albuíno e sua família construíssem uma nova vida em outro estado. No Rio de Janeiro, Albuíno continuou sua atividade de cátedra ao passar no concurso para professor de Engenharia na Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ) e continuou até iniciar sua trajetória política (GURGEL, 2012; AZEREDO, 1991).

Assim, iniciando sua trajetória empresarial, como todas as outras, desempenhando-a com excelência e pioneirismo. Isto porque, enquanto empresário e engenheiro realizou muitos trabalhos dentro e fora do país, conforme narra Gurgel (2012) logo de início realizaram projeto ferroviário de 450 quilômetros no Iraque. Após, foram contratados para executar a Linha do Centro, que liga o Rio de Janeiro e Belo Horizonte. Realizaram o programa de modernização para toda a malha controlada pela Rede Ferroviária Federal (RFF). Em Moçambique, executaram a construção de uma linha férrea para transporte de carvão. Todo o trabalho executado ao longo de 11 anos à frente da Enefer rendeu-lhe um prêmio de Ferroviário do Ano em 1991, pela Revista Ferroviária, a principal revista articuladora de estudos ferroviários do país, que reconhece a Enefer como “a principal consultoria ferroviária do Brasil” (GURGEL, 2012, p. 190).

Evidenciando a intelectualidade de Albuíno enquanto empresário e engenheiro ferroviário, o prêmio foi lhe dado em razão da “inovadora proposta de se ampliar o Corredor Centro-Leste e de que este fosse separado da antiga Rede Ferroviária Federal” (GURGEL, 2012, p. 190). A empresa fundada e presidida por Albuíno chegou a ter uma filial no exterior, na cidade de Londres na Inglaterra (ANE, 2023).

### 3.3 - TRAJETÓRIA POLÍTICA

#### 3.3.1 - Inserção na gestão pública

A vida política de Albuíno teve um breve início enquanto Presidente do Diretório Acadêmico de Engenharia em meados de 1965. Foi filiado ao Movimento Democrático Brasileiro (MDB) em 1970, partido de oposição ao regime militar instaurado no Brasil em abril de 1964, com a reformulação partidária, integrou-se ao Partido do Movimento Democrático Brasileiro (PMDB) em 1979. Após, em 1990 passou a integrar o Partido Democrático Trabalhista (PDT), o qual seria o partido enquanto assumiria o mandato de Governador do Espírito Santo (GURGEL, 2012).

Foi secretário de Planejamento da Prefeitura de Cariacica<sup>5</sup>. E devido a sua atuação no Conselho de Administração da Vale, proporcionou um contato com o governador na época, Max Mauro. O então governador Max Mauro ao ver a inteligência e competência de Albuíno, no momento em que seu secretário de Planejamento foi afastado, fez um convite para Albuíno integrar seu governo. E em 1988 Albuíno Azeredo assumiu como secretário de Planejamento no governo do Espírito Santo, iniciando uma trajetória política que não esperava onde poderia chegar (GURGEL, 2012; AZREDO, 1991).

A atuação de Albuíno como secretário na Coordenação Estadual de Planejamento (COPLAN) agradou tanto aos prefeitos quanto à população, atuando efetivamente no barateamento de obras e em um dos projetos mais importantes para o transporte público capixaba, o Sistema Transcol. Após uma iniciativa do Governo Federal para racionalização do transporte coletivo em todas regiões metropolitanas, Albuíno utilizando de estudos da estatal Empresa Brasileira de Transportes Urbanos (EBTU) e do Instituto Jones dos Santos Neves construiu o Projeto Transcol (GURGEL, 2012; AZEREDO, 1991). Com o Projeto Transcol pronto, o governador Max Mauro fundou a Companhia de Transportes Urbanos da Grande Vitória, atual Ceturb-GV, no entanto, a implementação desse novo projeto não foi bem recebido pelos empresários que dominavam o transporte público da época, chegando a liderar uma greve, retirando os ônibus de circulação que só cessou com a intervenção do governo, em que Albuíno assumiu a responsabilidade como interventor.

---

<sup>5</sup> Nota de pesar pelo falecimento do ex-Governador Albuíno Azeredo. Acesso em 23 de agosto de 2022. Disponível em <<https://www.camaracariacica.es.gov.br/noticia/ler/1232/nota-de- pesar-pelo-falecimento-do-ex-governador-albuino-azeredo>>

Figura 3 - Albuíno Azeredo mediando greve em Itapemirim



Fonte: APEES (2022).

O desdobramento desse fato levou até um ataque à integridade física de Albuíno, que indo para casa após o trabalho foi fechado por um veículo. Um período em que Albuíno conviveu com o medo, como relata Gurgel (2012). E com o Sistema Transcol estruturado, já em funcionamento e operando perfeitamente, foi encerrada a intervenção estatal (GURGEL, 2012; AZEREDO, 1991).

### 3.3.2 - Processo eleitoral para Governador do Espírito Santo

O percurso de Albuíno como secretário no governo de Max Mauro, atuando no processo de descentralização administrativa convenceu muitos prefeitos do Espírito Santo de que ele deveria ser candidato a governador do estado, essa ideia não agradou de pronto ao então governador Max Mauro e outros integrantes do então partido de Max, porém, apesar de num primeiro momento a proposta não ter sido bem recebida Albuíno obteve o apoio de Max Mauro (GURGEL, 2012).

A corrida para eleição de governador não foi fácil, Albuíno nunca vivenciou uma campanha eleitoral antes, exceto na universidade. E se candidatar a governador não estava entre seus objetivos. Mas o apoio dos prefeitos foi essencial para de fato ter sua candidatura lançada, uma vez que com um manifesto que reuniu 48 assinaturas de apoio à proposta de Albuíno concorrer a governador foi um

demonstrativo do apoio amplo e que convenceu seu antecessor, Max Mauro (GURGEL, 2012; AZEREDO, 1991). Este fato também é narrado por Albuíno em artigo autobiográfico:

Assumi, embora não tivesse eu um desejo latente de me candidatar ao governo, fui lançado pelos municípios, 48 prefeitos lançaram abaixo-assinado pedindo para que me descompatibilizasse do cargo de secretário para ser candidato a governador. O governador não me via como candidato a governador, pois vim do mundo tecnocrata, nunca havia sido candidato a nada, nem a vereador nem a deputado. Foi um fato inédito na época (AZEREDO, 2012, p. 61).

Figura 4 - Inauguração do comitê em Vila Velha



Fonte: APEES (2022).

A campanha enquanto pré-candidato levou Albuíno Azeredo a realizar visitas em diversas cidades do estado do Espírito Santo, no acervo de fotos disponível no site do Arquivo Público do Estado do Espírito Santo é possível identificar algum desses momentos, alguns deles foram receptivos e positivos como o convite realizado pelo prefeito de Colatina à época Dilo Binda, que ofereceu um almoço para confraternização da campanha eleitoral em 15 de maio de 1990.

Figura 5 - Almoço oferecido pelo Prefeito de Colatina



Fonte: APEES (2022).

Figura 6 - Albuíno Azeredo em discurso durante a campanha eleitoral



Fonte: APEES (2022).

Sua campanha correu as cidades do interior entre elas Nova Venécia, Colatina, Cachoeiro de Itapemirim:

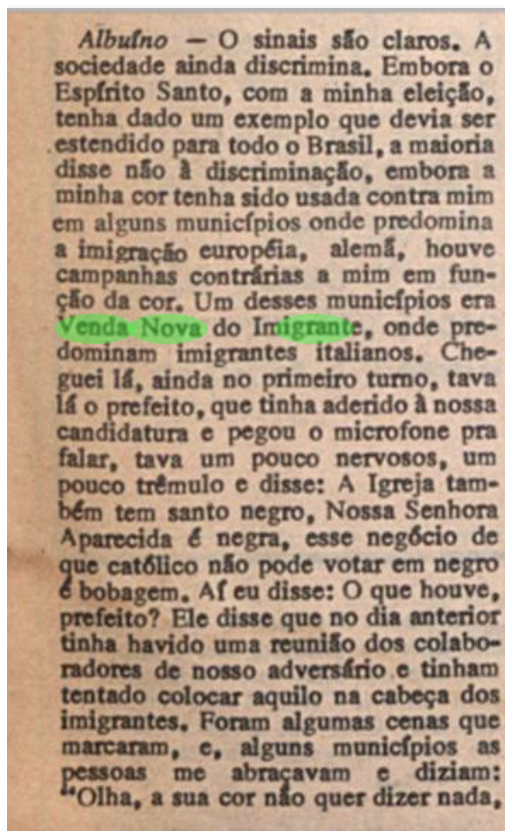
Figura 7 - Campanha eleitoral na cidade de Nova Venécia



Fonte: APEES (2022).

Assim como em outros momentos decisivos de sua vida, a cor da pele de Albuíno foi motivo para discriminações, em um dos comícios que fizera ao longo do estado, em Venda Nova do Imigrante, um município com uma maioria de imigrantes italianos, o então prefeito da cidade discursou afirmando que até na Igreja Católica havia santo negro. O fato chamou a atenção de Albuíno que quis entender o ocorrido, ao saber que no dia anterior a sua chegada no município, seu adversário usou da discriminação racial para convencer eleitores a não votar em Albuíno, afirmando que católicos não podiam votar em um homem negro (AZEREDO, 1991), o episódio racista foi narrado pelo próprio Albuíno em uma entrevista, já então eleito Governador:

Figura 8 - Narrativa acerca do ato do racismo vivenciado em comício em Venda Nova do Imigrante



*Albuíno* — O sinais são claros. A sociedade ainda discrimina. Embora o Espírito Santo, com a minha eleição, tenha dado um exemplo que devia ser estendido para todo o Brasil, a maioria disse não à discriminação, embora a minha cor tenha sido usada contra mim em alguns municípios onde predomina a imigração européia, alemã, houve campanhas contrárias a mim em função da cor. Um desses municípios era Venda Nova do Imigrante, onde predominam imigrantes italianos. Cheguei lá, ainda no primeiro turno, tava lá o prefeito, que tinha aderido à nossa candidatura e pegou o microfone pra falar, tava um pouco nervoso, um pouco trêmulo e disse: A Igreja também tem santo negro, Nossa Senhora Aparecida é negra, esse negócio de que católico não pode votar em negro é bobagem. Aí eu disse: O que houve, prefeito? Ele disse que no dia anterior tinha havido uma reunião dos colaboradores de nosso adversário e tinham tentado colocar aquilo na cabeça dos imigrantes. Foram algumas cenas que marcaram, e, alguns municípios as pessoas me abraçavam e diziam: “Olha, a sua cor não quer dizer nada,

Fonte: Site Vitrine Capixaba (2021).

Entretanto, tal fato é narrado de uma visão diferente no livro “Albuíno Azeredo - um homem de ferro” de Antônio Gurgel (2012), o autor ao narrar sobre a utilização do marketing político, como um recente instrumento de disputa eleitoral no estado, narra parte do episódio, mas ocultou o fato de que o adversário de Albuíno à época realizou a fala racista narrada acima, o autor Gurgel (2012) afirma que:

Havia certo receio de que o candidato pudesse ser alvo de preconceito racial, mas isso não chegou a ocorrer. Como lembra José Eugênio Vieira, num comício de Venda Nova do Imigrante, terra em que grande maioria da população era formada por imigrantes europeus, o então prefeito Nicolau Falqueto provocou o tema: “Se nossa Senhora Aparecida é a padroeira do Brasil é negra, por que nós não poderemos eleger o Dr. Albuíno (GURGEL, 2012, p. 96).

Afirma-se a importância de ao tratarmos de trajetórias de vida de personagens que são atravessados por questões raciais haver o cuidado de não praticar

silenciamentos de opressões, como pode se observar de maneira clara e objetiva o próprio Albuíno ao ser interpelado sobre ter sofrido discriminação racial elencou dentro de sua narrativa - dando ênfase - ao fato ocorrido em Venda Nova do Imigrante como uma violência racial diferentemente do descrito por Gurgel (2012). Entre outros fatos que ocorreram durante a campanha eleitoral de Albuíno, houve uma séria acusação por parte de seu adversário, o então Senador José Ignácio, de que Albuíno era ladrão na tentativa de desqualificar a honra, a moral e a imagem de sua candidatura a governador, atacando um homem negro utilizando-se do estigma da marginalidade. No entanto, a mãe de Albuíno rebateu a afirmação caluniosa durante a propaganda eleitoral dizendo:

O senhor não pode fazer isso. Muitas vezes deixei de comer pão no café da manhã para educá-lo como um homem honesto e decente. Ele foi criado com a lição de que é melhor não ter uma coisa do que tomar dos outros. O senhor não pode falar isso do meu filho (CUNHA, 1990 apud GURGEL, 2012).

E de uma maneira inesperada a acusação e fala de Normilia Cunha em horário eleitoral surtiu um efeito contrário ao que o tal senador desejara, Albuíno conseguiu sair do último lugar nas intenções de votos. Porém, apesar da vitória diante do ocorrido, aqui faz-se necessária uma atenção para o fato de que o seu adversário, um homem branco, utiliza de uma calúnia, ao imputar ao seu concorrente, um homem negro, o estigma de ladrão. Estigma este que tanto é revivido e retratado no imaginário social como sendo interpretado por homens negros. Tem-se a atenção acerca do uso de um capital racial privilegiado do homem branco do estigma de ladrão à um homem negro.

Ademais, um homem negro que teve sua trajetória marcada pela ascensão econômica através da educação. Vale ressaltar que Albuíno já havia sido acusado de roubo anteriormente, quando saiu vitorioso na eleição do Diretório Acadêmico de Engenharia da UFES, o que demonstra a não aceitação de alguns homens brancos ao serem derrotados por negros nos campos das competições políticas, educacionais e econômicas.

A população então passou a ver a trajetória do homem que superou dificuldades econômicas, sociais e a discriminação racial, sendo negro, pobre e de

periferia que se tornou engenheiro, empresário e político, sendo sempre excelente em todas as suas funções (GURGEL, 2012). Todas estas características foram absorvidas pelo papel de marketing da campanha eleitoral de Albuíno que é possível ser observado na letra do jingle:

Albuíno, este é o homem, que sabe administrar.  
Albuíno é competência, seriedade e independência.  
Este é o homem que chegou pra governar.  
Albuíno, este é o homem [...] (CASSUNDÉ, 2008)

Albuíno em dado momento de sua entrevista para o Jornal Pasquim (1991), traz seu relato e ponto de vista sobre o processo eleitoral e as circunstâncias que pairavam a volta de sua candidatura. Entre elas o destaque para o que ele denomina “sua história de vida e sua história de luta”:

Há uma série de fatores. No início as pesquisas mostravam um grau de desconhecimento da população do estado acerca da minha candidatura. Eu era conhecido mais no meio onde atuava, na universidade, onde era professor, na Companhia do Vale do Rio Doce, onde sou engenheiro; só aqueles que conheciam a minha origem sabiam de minhas vinculações permanentes com o nosso povo, com a nossa gente. Foi necessário que pudéssemos transmitir à opinião pública toda essa nossa história, embora tivéssemos o apoio político do Governador Max Mauro, que foi fundamental, embora tivéssemos o apoio da maioria dos prefeitos. Aos poucos fomos chegando à população carente, que foi quem decidiu a eleição. No horário gratuito e nas entrevistas levamos a nossa história de vida, nossa história de luta, procurando comparar o nosso perfil com o perfil do adversário; levamos propostas, ideias para os meios de comunicação. Num determinado momento da campanha, a gente sentiu que precisava de algum avalista pra tudo e, em defesa da minha própria honra, minha mãe foi aos meios de comunicação e a partir daí a candidatura começou realmente a crescer. No início, o adversário menosprezou a nossa candidatura. O cabo eleitoral dele, o ex-governador foi pra televisão e disse que não ia haver segundo turno mostrou um boné e disse que comeria o boné se houvesse segundo turno (AZEREDO, 1991).

De fato, a memória da população na atuação de Albuíno enquanto secretário no governo de Max Mauro ao realizar importantes trabalhos, marcado pela eficiência ao ponto de ser nomeado com o título de Super Secretário pela imprensa à época (CASSUNDÉ, 2008). O peso da implementação do Sistema Transcol, o reconhecimento como Engenheiro junto à Companhia da Vale do Rio Doce desempenhando notáveis trabalhos no Estado na construção de ferrovias e estradas, como consultor e empresário atuando nacionalmente e internacionalmente atrelada a sua trajetória de luta, ascensão e origem pobre, por certo rendeu a vitória eleitoral. Ali havia sido construído o personagem pela equipe de comunicação que

era representativa para o povo, uma trajetória que trouxe a vinculação necessária ao eleitorado popular, que podia se enxergar no candidato a chefe do executivo estadual (talvez pela primeira vez), um homem negro que estaria ocupando este importante espaço de poder pela primeira vez no Espírito Santo.

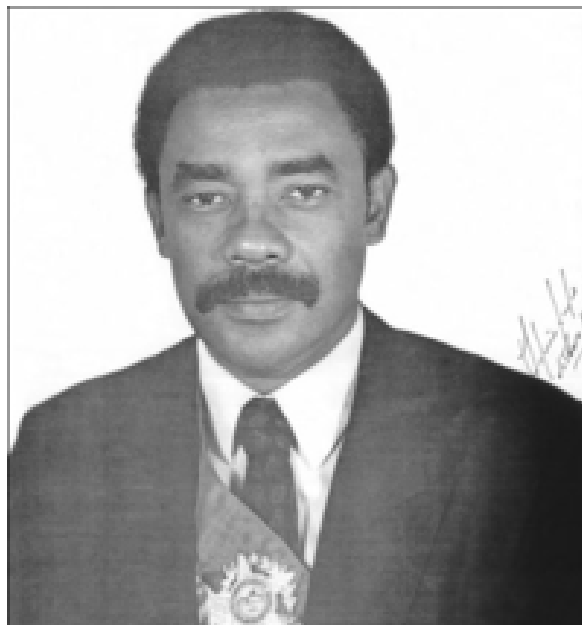
Em 1991, após vencer José Ignácio Ferreira no segundo turno, Albuíno Azeredo da Cunha então se tornou Governador do Espírito Santo, filiado ao Partido Democrático Trabalhista (PDT). No mesmo ano, também pelo PDT, um outro governador negro, Alceu Collares, foi eleito governador do Rio Grande do Sul. E o terceiro, José Alves eleito em Sergipe, os três foram os únicos governadores negros eleitos no Brasil em 1990 e Albuíno, após uma campanha difícil e acirrada, o primeiro negro eleito governador do estado do Espírito Santo. Importa mencionar que, em 2019 foi eleita a primeira mulher e primeira mulher negra vice-governadora do Estado Espírito Santo, Jacqueline Moraes.

Apesar de ser um pequeno número para quantidade de 27 estados no Brasil, um país majoritariamente habitado por negros e negras, conforme o IBGE (2022), a população de pretos e pardos representam 56,1%<sup>6</sup>, o número foi tão expressivo que à época a Revista Veja (1990) lançou uma reportagem especial de eleições intitulada “Negros no Governo” com entrevista especial com Albuíno Azeredo:

---

<sup>6</sup> Dados extraídos da pesquisa apresentada no livro *Desigualdades Sociais por Cor ou Raça no Brasil de 2022*, do IBGE.

Figura 9 - Foto de Albuíno empossado Governador



Fonte: Wikipedia (2023)

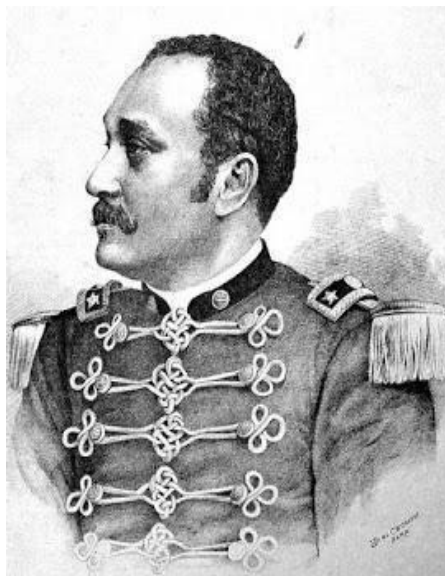
Antes dos governadores Albuíno Azeredo e de Alceu Collares, o primeiro negro a assumir o cargo de governador no Brasil foi o político Eduardo Gonçalves Ribeiro pelo estado do Amazonas no final do século XIX, nos períodos 1899 a 1891 e de 1892 a 1896. Necessário pontuar tal informação, pois, em muitos registros históricos encontrados colocam erroneamente Albuíno Azeredo e Alceu Collares como os primeiros negros a serem eleitos governadores no Brasil<sup>7</sup>. Isto é, refazendo o caminho pelo não apagamento da memória, este trabalho não poderia deixar de se manifestar quanto a memória de Eduardo Gonçalves Ribeiro, que alcançou o importante destaque de ser o primeiro governador negro no Brasil no século XIX, apenas 11 anos após a abolição da escravatura.<sup>8</sup>

---

<sup>7</sup> Alguns sites e reportagens de jornais costumam trazer ambos governadores como os primeiros governadores negros eleitos no Brasil, como exemplo o site Wikipédia, que trás artigo biográfico de Albuíno Cunha de Azeredo.

<sup>8</sup> Existe um importante trabalho de resgate da memória e trajetória de Eduardo Gonçalves Ribeiro pelo historiador Robério Braga, que ressalta a existência de apagamento da memória do governador. No site Amazonia-Amazonia, disponível no link: <<https://www.amazonamazonia.com.br/2019/12/06/estudo-de-roberio-braga-atesta-mentiras-sobre-eduardo-ribeiro-falseiam-a-historia-do-am/>>.

Figura 10 - Eduardo Gonçalves Ribeiro (preto e branco)



Fonte: Blog Manaus de Antigamente (2019)

Figura 11 - Eduardo Gonçalves Ribeiro (colorida)



Fonte: Brasil Norte Turismo Manaus (2018)

Necessário trazer ambas as imagens, uma vez que dada a prática de branqueamento fruto do racismo, por muitos anos fotos foram embranquecidas para apagamento da memória de um homem negro que assumira importante papel de poder pós-abolição (BRAGA, 2019). Esta era mais uma ação higienista posta em prática com a finalidade de ocultar a existência e resistência da população negra

pós-abolição. No livro *Negros no Espírito Santo*, o antropólogo Sandro José da Silva (2016) ao tratar do tópico “A Cor da Política” bem elucida este fator higienista executado como política pública pelos brancos no poder à época (SILVA, 2016, p. 38):

No Brasil, a relação entre a construção de uma nova nação pós-escravidão está associada à elevação dos saberes higienistas ao *status* de ciência de Estado, o que associava a questão da escravização ao tema médico, além de político e econômico. O resultado prático dessa junção foi a concretização de projetos eugênicos de limpeza étnica e promoção pública da hierarquia racial [...].

Dessa maneira, tal política foi aplicada a realidade da trajetória política de Eduardo Gonçalves Ribeiro, que além de símbolo de resistência por assumir cargo de poder logo após o pós-abolição, realizou significativo governo com desenvolvimento de infraestrutura em Manaus em 1900 (BRAGA, Gisela, 2019), mas também foi muito marcado pela violência racista como se verifica do texto escrito pela historiadora no trecho abaixo.

Padeceu todo o tipo de ofensa à sua imagem pessoal, ao longo dos anos. Ao pretenderem inseri-lo no grupo dominante aplicaram sobre suas fotos oficiais a prática do retrato americano, esbranquiçando sua cor, desencarapinhando e alterando seus cabelos, trocando-lhe a farda de militar pelo traje civil (BRAGA, 2019).

Diante desses exemplos de trajetórias de negros que ascenderam socialmente e politicamente, principalmente com o exemplo de Albuíno Azeredo, verifica-se que ao longo de toda a história passaram-se mais de uma década de história desde a eleição do primeiro governador negro no Brasil em 1899 para a eleição de outros três governadores negros na década de 90.

Nesse sentido, para Andrews (1998), o racismo brasileiro opera de maneira não automática e é variável nos processos de definição dos papéis sociais e da visibilidade social dos grupos da sociedade. Segundo o autor, os aspectos característicos do racismo brasileiro pautam-se também pela sua inconsistência e imprevisibilidade e sua disposição para admitir que os afro-brasileiros se movimentam ascendentemente, ao mesmo tempo em que impedem essa modalidade ao grupo racial afro-brasileiro como um todo. É o que Roger Bastide

chamou de teoria do escoamento. No processo de ascensão social do negro: “[...] não se pode tomar outra forma senão a de uma infiltração. Uma gota negra após outra a passar lentamente através do filtro nas mãos dos brancos” (BASTIDE, apud ANDREWS, 1998, p. 270).

### 3.3.3 - Principais feitos do Governo de Albuíno Azeredo

Inicialmente, importante destacar que o objetivo principal desta pesquisa não é realizar uma análise política do governo de Albuíno Azeredo, como mencionado em outros momentos a pesquisa se propõe a narrar as diversas trajetórias de vida do nosso personagem, e a política compõe uma delas, portanto, este ponto irá buscar pontuar momentos marcantes dentre o período de 04 anos do governo.

Para esta tarefa, o guia será o escrito de Antônio de Pádua Gurgel (2012), que em seu livro biográfico “Albuíno Azeredo: um homem de ferro”, narrou relevantes acontecimentos do governo de Albuíno Azeredo e o artigo autobiográfico “Justiça Social como Princípio” de 2012. Um dos significativos marcos de seu governo, foi realizar uma gestão com objetivo de promover a justiça social, tanto que assim foi denominado pelo próprio Albuíno os seus 4 anos de governo ao afirmar em artigo escrito por ele intitulado “Justiça Social como Princípio” (AZEREDO, 2012). E também assim era o lema de seu governo “desenvolvimento econômico com justiça social” (GURGEL, 2012).

Ao analisar os principais marcos elencados principalmente no livro de Gurgel (2012) e alguns em registros de jornais A GAZETA (2018 e 2021), há a percepção de que de fato o governo de Albuíno realizou grandes feitos no campo do desenvolvimento que promoveu a justiça social, como a conquista de vultosos investimentos internacionais para a implementação de saneamento básico e ampliação do Sistema Transcol, a fomentação de espaços culturais como a criação do Museu do Negro e do Polo Capixaba de Cinema. E recepção de relevantes personalidades nacionais e internacionais, atraindo os olhares externos para o Espírito Santo.

Seguindo em uma ordem cronológica dos fatos, será apresentado os feitos nos pontos abaixo:

#### a) Príncipe Charles, atual Rei do Reino Unido

Em 25 de abril de 1991, o Príncipe Charles à época e atualmente Rei após falecimento da Rainha Elizabeth em 2022, esteve no estado em uma rápida visita. Apesar de não haver menção no livro biográfico de Albuíno Azeredo por Gurgel (2012), tais fatos foram noticiados pelos jornais capixabas e ainda lembrados em atuais notícias nos anos de 2018 e 2021. As matérias intituladas “Albuíno Azeredo: um governo marcado por visita de personalidades” de 2018, em seção relacionada quando ocorreu o falecimento de Albuíno e “1991: o ano em que o ES recebeu o papa, Mandela e príncipe Charles” de 2021 em seção denominada “memória” quando completou 30 anos da visita de Nelson Mandela ao estado.

A presença do Rei Charles ao estado do Espírito Santo não foi completamente acompanhada pelo então Governador Albuíno Azeredo, mas este esteve na recepção ao chegar no aeroporto de Vitória “[...] foi recepcionado pelo então governador do Estado, Albuíno Azeredo. Sua vinda contou com um forte esquema de segurança” (A GAZETA, 2018). A motivação da vinda do Rei Charles foi para realizar uma visita à empresa Aracruz Celulose, e por isso também foi recebido manifestantes que protestavam em defesa ao meio ambiente (A GAZETA, 2018). Durante a sua visita o Rei Charles “[...] seguiu para a fábrica, percorrendo-a e ouvindo explicações sobre a produção. Lá plantou uma muda de pau-brasil no Centro de Pesquisas Florestais da empresa” (A GAZETA, 2021).

#### b) Vinda de Mandela e Winnie Mandela ao Espírito Santo

Figura 12 - Mandela e Winnie Mandela no Espírito Santo



Grupo Memória Capixaba Facebook (2018).

No dia 03 de agosto de 1991, em campanha pela luta contra o racismo após ter sido preso por 30 anos na África do Sul, o político e advogado Nelson Mandela e Winnie Mandela realizaram uma campanha pelo Brasil para visita em alguns estados. Albuíno moveu esforços para que o Espírito Santo estivesse na rota desta campanha (GURGEL, 2012). Ao tomar conhecimento da trajetória de Albuíno, o primeiro governador negro do Espírito Santo, através de uma delegação liderada pelo Secretário de Justiça Renato Soares enviada para Cuba, onde estava Nelson Mandela, este compreendeu a importância de sua presença em solo capixaba (GURGEL, 2012).

O movimento negro capixaba também foi responsável pela sistematização do evento, em especial o mestre de capoeira Alcebíades Milton Cabral, marcante liderança do movimento negro capixaba que desenvolveu importantes organizações desde o início de 1988 e lutou pela igualdade racial e promoção da população negra capixaba, como a "Descomemoração do Centenário da Abolição", "O negro e a Constituinte" em 1988 e a organização da visita de Nelson Mandela e Winnie Mandela em 1991. E, em razão de todo seu trabalho no movimento negro capixaba recebeu em 2019 a Comenda Maurício de Oliveira, pós-morte (AIOLFI, 2019).

Uma vez que tal informação não é mencionada em nenhum dos registros de livro e reportagem que tinha como foco central a narrativa da presença de Nelson Mandela e Winnie Mandela no Espírito Santo analisados por esta pesquisa, faz-se mais que necessário trazer este dado e destacar a ausência de tal informação nos registros. Pois, em muitos momentos da história há um apagamento das ações realizadas pelo movimento negro capixaba, que sempre foi muito atuante e à época alcançou conquistas durante o governo de Albuíno (que mantinha diálogo como o movimento negro) através de muita luta, como a criação do Museu do Negro, o Mucane, que será visto mais à frente.

Um dos principais jornais do Espírito Santo, A Gazeta, ainda relembra a visita de Nelson Mandela à capital, Vitória, como um dos marcos do ano de 1991 em reportagem emitida em 2021, demonstrando quão significativo foi a visita para os capixabas e os reflexos para a população negra capixaba.

‘Como Mandela tinha uma posição pela diversidade, pela pluraridade, pelo fim do preconceito, como era essa sua luta, era muito simbólico que a visita dele ao Brasil ocorre em um Estado governado por um político também negro’, comenta o cientista político João Gualberto Vasconcellos (A GAZETA, 2021).

Figura 13 - Mandela no Espírito Santo



Fonte: Gazeta Online (2018).

É de se destacar a simbologia deste acontecimento, pois durante a visita de Nelson Mandela as festividades escolhidas para serem destaques eram ligadas a celebração da cultura tradicional popular negra capixaba, como as bandas de congo. Além da visita ter sido no ano de posse de Albuíno no governo, que dado ao peso de ser o primeiro homem negro a assumir o posto, passou muita discriminação racial durante sua campanha e de seu mandato. A presença de Nelson Mandela, uma personalidade política internacional de destaque também negra, trouxe um tom de apoio e representatividade.

Figura 14 - Participação das bandas de Congo



Fonte: Gazeta Online (2018).

Sua presença e seu discurso trataram de uma mensagem da luta contra o racismo, uma vez que esteve preso 30 anos em seu país por lutar por direitos civis da população negra contra o *Apartheid*. O reconhecimento pela atuação no combate a discriminação racial veio com Prêmio Nobel da Paz em 1992 e a vitória das eleições presidenciais na África do Sul em 1994.

Ao discursar no Estádio da Desportiva Ferroviária para cerca de 7 mil capixabas, destacou que sua luta era para “colocar em prática medidas que acabem com o racismo e autoritarismos” (GURGEL, 2012). O papel desse discurso no

primeiro ano de governo do primeiro governador negro do Espírito Santo, para milhares de capixabas, presenteia a população negra capixaba com um grande simbolismo de celebração da negritude, em um estado marcado por tanto racismo.

Este dia ainda contou com muita celebração da cultura negra, com a presença dos sambistas Alcione e Neguinho da Beija-flor. Ainda que a visita tenha sido registrada com muita comemoração e celebração da cultura negra capixaba, pode se afirmar que o pano de fundo desta visita foi marcado por questões de negritude, como a igualdade racial através de trocas entre Nelson Mandela, experiente em lidar com racismo e a branquitude racista. Tanto que assim foi descrito por Gurgel (2012, p. 131) os interesses de Albuíno em conhecer Nelson Mandela:

Além disso, Albuíno estava interessado em conhecer aquele estadista que passara mais de 30 anos preso sem perder o interesse pela poesia; que saiu da cadeia disposto a negociar uma convivência pacífica entre a minoria branca, até então opressora, e a maioria negra, sedenta por democracia e melhores condições de vida.

Figura 15 - população capixaba em evento de recepção à Mandela



Fonte: Gazeta Online (2018).

Figura 16 - Nelson Mandela e Albuino



Fonte: Gazeta Online (2018).

Figura 17 - Albuino, Nelson e Winnie Mandela



Fonte: Gazeta Online (2021).

c) João Paulo II

Ainda no ano de estreia de Albuíno no governo, o Papa João Paulo II visitou o estado. Realizou uma missa no Aterro da Condusa, que hoje é denominado Praça do Papa em memória e homenagem a tal acontecimento e também no bairro São Pedro, em razão da leitura do livro “Na lama prometida, a redenção”, de Graça Andreatta. Ao fim da visita, assim como o Rei Charles, também plantou uma árvore de pau-brasil (A GAZETA, 2021).

Figura 18 - Albuíno e Papa João Paulo II



Fonte: APEES (2019).

d) Decreto nº 3.527-N 13 de maio de 1993 para criação do Museu Capixaba do Negro

O estado do Espírito Santo foi o primeiro estado a criar um Museu do Negro, assim, para além desses principais marcos é possível verificar este como um grande passo do governo de Albuíno Azeredo na promoção da cultura negra capixaba, a celebração da negritude, estabelecimento de busca pela igualdade racial, mas principalmente a preservação da memória e história afro-capixaba. A criação do Museu do Negro foi, portanto, um momento especial para população negra capixaba e o movimento negro capixaba.

O Museu do Negro, conhecido como Mucane, foi instituído com a promulgação do Decreto nº 3.527-N 13 de maio de 1993. Apesar da data de registro ser em 1993, a gênese desse processo teve início muitos anos antes, o Decreto nº 3.527-N foi apenas o resultado de todo um acúmulo da luta do movimento negro no Brasil e no Espírito Santo pela construção de lugares e personagens de memória. A historiadora e mestra em Ciências Sociais, Fernanda de Castro Barbosa, em seu artigo intitulado “Memórias de um lugar: 25 anos do Museu Capixaba do Negro”, analisa todo o processo que culminou na criação do espaço, fruto de um movimento pós ruptura com o Movimento Negro Unificado, que levou o movimento negro capixaba a se reestruturar e se voltar para as especificidades locais:

É nesse contexto, em que as memórias são eleitas, um importante instrumento pelos militantes para o reconhecimento das populações negras na história e na formação da sociedade brasileira, que emerge a ideia de criação de um museu com recorte étnico-racial. Inclusive, segundo os militantes negros entrevistados para essa pesquisa, um dos marcos que impulsionou a ideia da criação do Mucane foi a realização do Seminário Internacional da Escravidão, na Universidade Federal do Espírito Santo (Ufes), em 1988, dentro do contexto do centenário da Lei Áurea (BARBOSA, 2018, p. 75).

Barbosa (2015) também defendeu uma dissertação de mestrado em Ciências Sociais estudando o processo de criação, constituição e funcionamento do Museu Capixaba do Negro Verônica da Pás como um lugar de construção de memórias e personagens afro-brasileiras, pois, quando da finalização da constituição do Mucane, foi acrescentado o nome da médica psiquiatra negra Verônica da Pás, que foi quem lutou com muita garra pela criação e estruturação do Mucane e que faleceu sem ver o projeto concluído. O processo de criação do Mucane por um governador negro evidencia não apenas a criação de um lugar de construção de memórias negras e de uma personagem de memórias afro-brasileira - Verônica da Pás -, mas a inserção e consagração de um homem negro que também se torna um personagem de memória, cujo nome está eternizado na placa, em documentos (Decreto 3.527-N) de criação do Museu, em matérias jornalísticas e em trabalhos acadêmicos.

Em recorte do jornal A Gazeta de 1993 encontrado no site da Prefeitura de Vitória é possível resgatar a notícia lançada à época da promulgação do Decreto nº 3.527-N assinado por Albuíno Azeredo, conforme imagem abaixo.

Figura 19 - Notícia de assinatura do Decreto nº 3.527-N



Fonte: Site Prefeitura de Vitória (2022).

#### e) Polo de Cinema Capixaba

Ainda no ano de 1993, o governador Albuíno Azeredo criou o Polo de Cinema Capixaba, que se tratava de uma linha de financiamento concretizado pelo Banco de Desenvolvimento do Espírito Santo (BNDES) que viabilizava fundo financeiro para as produções de projetos cinematográficos locais (GURGEL, 2012). Com o foco de trazer a visibilidade para o Espírito Santo, o governador Albuíno Azeredo aproveitou o espaço deixado pela extinção da Empresa Brasileira de Filmes (Embrafilmes) em 1992 pelo ex-presidente Fernando Collor (GURGEL, 2012).

Tal postura evidencia o apreço do então governador do Espírito Santo pela cultura capixaba e seu olhar visionário ao buscar colocar o estado na rota turística e fomentar o desenvolvimento social. Assim é descrito no livro biográfico os benefícios com a criação do Polo de Cinema Capixaba (GURGEL, 2012, p. 139):

[...] trazia três benefícios para o Estado: um era a divulgação de suas paisagens pelo Brasil e pelo mundo, pois era uma condição para o financiamento era que a maior parte das locações fossem realizados em território capixaba. Outro benefício era a criação de novas oportunidades de trabalho para os capixabas, pois os contratos previam a participação de profissionais da terra, tanto na frente como atrás das câmeras. O terceiro benefício foi a criação de um mínimo de infraestrutura no Estado para a produção dos filmes. E a coisa deu certo durante um bom tempo.

#### f) Escola Normília Cunha dos Santos

A trajetória de Albuíno de Azevedo, aproxima a trajetória de sua mãe, Normília da Cunha dos Santos, que foi professora do ensino público primário por muitos anos, e em razão disso, durante seu governo, doou um terreno localizado no município de Barra de São Francisco, que se tornou uma escola denominada Normília da Cunha Santos. Em dois registros, um da Assembleia Legislativa do Espírito Santo e outro no site O Contestado, é possível verificar que enquanto governador do estado do Espírito Santo, Albuíno Azeredo doou um terreno localizado no município Barra de São Francisco para construção de uma Escola Agrícola, que hoje é denominada Normília Cunha dos Santos, nome da mãe de Albuíno Azeredo.

Figura 20 - Escola Normília da Cunha dos Santos



Fonte: Site Prefeitura Municipal de Barra de São Francisco (2022).

No site da Assembleia Legislativa do Espírito Santo (ALES) tal informação aparece em texto de homenagem “*in memorian*” em documento assinado em 2019

por Enivaldo Euzébio dos Anjos, prefeito do município de Barra de São Francisco no ano de 1990. O texto resgata de maneira breve a trajetória de Albuíno Azeredo e menciona a doação do terreno para construção da escola (ALES, 2019).

No site O Contestado, em reportagem escrita por Weber Andrade de 17 de outubro de 2019, há menção ao evento de festividade do 76º aniversário do município de Barra de São Francisco, em que Albuíno Cunha de Azeredo é homenageado “in memoriam” com a Comenda Paulo Vinhas, onde é citada a ação de doação do terreno para construção da Escola Agrícola Normília Cunha de Azeredo (ANDRADE, 2019).

O nome da escola é uma clara homenagem a mãe de Albuíno Azeredo que foi professora de ensino primário e em reportagem no Site Barra intitulada “Escola Família Agrícola Normília Cunha comemora 30 anos; conheça a origem do nome” de 09 de setembro de 2022, traz à memória:

O nome dado a EFA Normília Cunha dos Santos não foi apenas porque era a mãe do governador na época, Albuíno Azeredo, mas porque ela foi professora primária disciplinada e enérgica. A Professora Normília (foto ao lado) mostrou que apesar de origem humilde, viu o filho se tornar engenheiro e governador do Espírito Santo negro quando este chegou ao cargo mais importante da vida pública do estado do Espírito Santo, em um país que é desigual, que discriminava e ainda discrimina as pessoas por credo, raça e outros (SITE BARRA, 2022).<sup>9</sup>

---

<sup>9</sup> No mesmo site, consta a informação de que o terreno teria sido doado pelo pai do vereador Lula Cozer, o produtor Geraldo Cozer, mantendo o compromisso com as fontes de informações diante dos dados controversos faz-se necessária menção.

Figura 21 - Normília da Cunha



Fonte: Site Barra (2022)

g) Principais investimentos para o desenvolvimento do Estado do Espírito Santo  
Segundo Gurgel (2012) o governo de Albuíno Azeredo foi marcado por importantes investimentos estruturais, concentrado em três frentes: a malha rodoviária, a malha ferroviária e o saneamento básico. Apesar do período em que Albuíno assumiu o governo ser marcado por uma péssima conjuntura econômica nacional, em razão da alta inflação e descontrole nos caixas do governo devido ao Impeachment do Presidente Collor e o lançamento do Plano Real, Albuíno demonstrou ser um grande intelectual no campo econômico, atraindo e conquistando investimentos externos para financiar grandes obras durante seu governo.

Assim, através de um empréstimo junto ao BID no valor de US\$ 104 milhões de dólares para recuperação e ampliação das rodovias estaduais com a finalidade de acelerar o processo de desenvolvimento econômico no interior do estado (GURGEL, 2012). Outro grande investimento, um empréstimo de R\$ 16,7 milhões de reais destinado a ampliação do Sistema Transcol, denominado Transcol II, que:

[...] levando a racionalização do atendimento do serviço de ônibus para bairros mais distantes e ainda não beneficiados, construindo novos terminais de integração de passageiros, fazendo a substituição e a incorporação de novos veículos ao sistema, que teve sua gestão aperfeiçoada (GURGEL, 2012, p. 118)

Assim, ao garantir o atendimento a comunidades mais distantes, o novo Sistema Transcol se fortaleceu durante a gestão de Albuíno, que também garantiu desenvolvimento no plano ferroviário com a duplicação da Ferrovia Vitória a Minas. Dessa maneira, ocorreu crescimento das exportações de grãos, como a soja. Também a ampliação da malha rodoviária (GURGEL, 2012).

O saneamento básico esteve no foco do governo, conhecido pelo projeto Prodespol, projeto responsável pela despoluição dos ecossistemas capixaba, foram três anos de estudos realizados para em 1994 ter o início das obras. Entretanto, com o fim do mandato as obras foram interrompidas, pois o governador Vitor Buaiz, que assumiu após a saída de Albuíno Azeredo, não deu continuidade ao projeto. O projeto de saneamento Prodespol retornou anos após com nomes diferenciados, em 2001 como Prodesan e em 2010 como Águas Limpas (GURGEL, 2012).

Outro importante marco de gestão de Albuíno Azeredo foi a visão estratégica acerca dos serviços de distribuição de gás natural, o momento à época era de privatizações, no entanto, Albuíno acreditava na pesquisa para novas descobertas de jazidas de gás natural manteve tais recursos na empresa estatal Petrobrás. Segundo Albuíno Azeredo (2012):

Não que eu fosse contra o setor privado. Muito pelo contrário! Mas petróleo e gás exigem pesquisas, e quem pesquisa isto no Brasil é apenas a Petrobras, empresa estatal. Então, defendi com unhas e dentes esse caminho. E acredito que isso ajudou o Espírito Santo a se tornar o que é hoje em termos de exploração e investimentos neste setor (apud GURGEL, 2012, p. 124).

Esse movimento estratégico fortaleceu a economia e resultou em desenvolvimento, pois os valores devolvidos em *royalties* foram destinados ao investimento na malha rodoviária capixaba, como pode ser observado na imagem e descrição abaixo:

Figura 22 - Assinatura de convênio com a Petrobras; troca de royalties para asfaltamento da malha rodoviária



Fonte: APEES (2022).

Ademais, Albuíno Azeredo ainda no início dos anos 90 teve um olhar para as perspectivas de gênero, ao alocar mulheres nos espaços de poder no seu governo:

As mulheres estavam representadas. A primeira secretária de Administração era a Lígia Paoliello, a primeira auditora era a Berenice Pinho, a chefe de gabinete era Márcia Murad. Então, a mulher sempre esteve presente no governo (AZEREDO, 2012, p. 63).

Com o fim do mandato como governador no Espírito Santo, Albuíno Azeredo voltou às suas atividades acadêmicas e empresariais, retornando ao curso de Engenharia da UFRJ e a acompanhar de perto a Enefer. Sua família o acompanhou neste retorno ao Rio de Janeiro. Em 1997 foi nomeado Secretário de Planejamento do município de Cariacica pelo prefeito Dejour Camata, cargo que deixou para se candidatar em uma segunda eleição em 1998 num pleito onde foi derrotado exatamente por José Ignácio (PSDB). E em 1999 foi convidado a retornar às atividades políticas pelo então governador do Rio de Janeiro, Anthony Garotinho (GURGEL, 2012).

### 3.3.4 - A atuação político-administrativa pública no Governo do Rio de Janeiro

Diante de seu currículo exemplar atuando à frente da área de transportes e ferrovias, com larga experiência com a logística rodoviária, o governador do Rio de Janeiro Anthony Garotinho convidou Albuíno Azeredo para presidir a Rio Trilhos (responsável pelo metrô) e a Companhia Fluminense de Trens Urbanos (FLUMITRENS). Mas, pouco tempo depois passou a atuar enquanto Secretário de Transportes no governo de Anthony Garotinho 1999-2002 (GURGEL, 2012). Além da reconhecida competência, é importante ressaltar a dimensão político-partidária envolvida nesta articulação para o retorno de Albuíno na atuação no governo carioca, pois ambos já compartilhavam do mesmo partido político, o PDT (Partido Democrático Trabalhista).

No governo que sucedeu, de Rosinha Garotinho de 2003-2007, Albuíno Azeredo continuou comandando empresas estatais de transportes a Central (Companhia Estadual de Engenharia e Transportes e Logística), e logo após retornou ao cargo de Secretário de Transportes no governo (GURGEL, 2012). Durante este tempo atuando com foco na área de transportes, Albuíno transformou o meio de transportes da população carioca, implementando novos trens com conforto do ar-condicionado, na ampliação das linhas do Metrô e na reforma dos bondes do bairro de Santa Tereza (GURGEL, 2012).

### 3.4 - ATUAÇÃO PROFISSIONAL NA ENGENHARIA

No campo acadêmico Albuíno Azeredo foi um expoente intelectual no campo da engenharia, especializando-se em transporte sobre trilhos. Apesar de, em razão do seu dom desenvolvido logo na adolescência, tornou-se um grande professor atuando em Universidades Federais, a do Espírito Santo e a do Rio de Janeiro. Conforme mencionado no início deste capítulo, Albuíno tornou-se bacharel em Engenharia em 1967 pela Universidade Federal do Espírito Santo (UFES), de uma turma com aproximadamente cinquenta a sessenta alunos, em que apenas três alunos negros compunha a turma, Albuíno dentre a exceção (conforme leitura da imagem da turma na página 33 do livro “Albuíno Azeredo: um homem de ferro”).

Albuíno Azeredo articulou sua intelectualidade no campo da engenharia em diversos espaços, enquanto engenheiro consultor à frente de sua empresa ENEFER, enquanto engenheiro profissional junto a empresa Companhia Vale do Rio Doce, enquanto secretário de transportes e enquanto professor universitário. A sua intelectualidade é possível ser analisada a partir das obras que desenvolveu enquanto profissional engenheiro durante sua atuação ao longo de sua carreira.

Aprofundar este outro campo da trajetória de vida do personagem Albuíno da Cunha Azeredo, a sua intelectualidade enquanto Engenheiro, para além de graduado em engenharia, empresário nessa área e professor universitário, Albuíno representa um grande peso de desenvolvimento epistemológico e profissional no campo da engenharia, que resultou inclusive no recebimento do Diploma de Mérito Profissional pelo Conselho Diretor do Sindicato de Engenheiros do Rio de Janeiro (SENGE-RJ).

Importante ressaltar, que muitos trabalhos desenvolvidos pelo personagem enquanto engenheiro foram à frente de empresas ou enquanto atuava como Secretário tanto no Governo Estadual do Espírito Santo de Max Mauro, no Governo Municipal de Cariacica de Dejair Camata, no Governo Estadual do Rio de Janeiro de Anthony Garotinho e Rosinha Garotinho, portanto, muitos de suas obras, estudos e consultorias não ficaram registradas com a possibilidade de descrever por completo todas seus trabalhos desenvolvidos, as aqui abaixo que serão descritas, são os que de alguma maneira aparecem nas pesquisas bibliográficas realizadas, e podem, ser mencionadas e analisadas no presente trabalho.

Dessa maneira, reunindo os principais projetos que esteve à frente, e os projetos em que esta pesquisa pôde analisar, estão:

- a) estrada de ferro Vitória-Minas: atuou enquanto chefe da divisão de engenharia civil, coordenador de duplicação e sinalização da Estrada de Ferro Vitória-Minas, a duplicação da Estrada de Ferro Vitória a Minas (EFVM) teve início na década de 1970 começando em Vitória (ES) até Nova Era (MG). A duplicação promoveu o maior investimento ferroviário na época, tanto na infraestrutura como na superestrutura, foi a primeira duplicação de uma ferrovia na América do Sul (CARVALHO, 2021).

- b) o Corredor Bioceânico: atuando à frente da ENEFER, realizou o trabalho denominado “Corredor bioceânico ferroviário: estudos técnicos referentes ao Eixo de Capricórnio: relatório consolidado” publicado em 2011, com financiamento do Fundo de Estruturação de Projetos do BNDES (FEP), em parceria com outras empresas do ramo da engenharia.
- c) o Trem de Alta Velocidade (TAV) entre Rio e São Paulo
- d) o sistema Transcol, que interliga as cidades da Região Metropolitana da Grande Vitória (ES) por meio de terminais rodoviários urbanos.

### 3.5 - VIDA PRIVADA/PESSOAL

Nosso personagem além dos espectros acadêmico, empresarial e político percorreu uma trajetória de vida pessoal comum, casou-se antes dos 30 anos e teve três filhos. Em 30 de janeiro de 1971, Albuíno Azeredo aos 26 anos casou-se com Waldicéia Peçanha de Azeredo com 21 anos à época. O casal teve três filhos, Ana Flávia, que nasceu em 18 de novembro de 1974, Albuíno Azeredo Júnior, que nasceu em 29 de abril de 1976 e Alba Letícia, que nasceu em 22 de junho de 1978.

Todos os três filhos seguiram a carreira de engenharia como o pai. E considerando a importância do processo de escolarização e a significativa trajetória educacional de Albuíno Azeredo, durante entrevista de campo, realizada com entrevista de narrativa de vida com dona Waldicéia Azeredo em 18 de janeiro de 2023, foi questionado o porquê da escolha em Engenharia de todos os seus filhos e filhas. E então, é possível verificar que a escolha pelo curso de Engenharia não foi uma imposição por parte do pai, mas sim uma escolha dos próprios filhos influenciados pela carreira profissional ímpar do pai no campo da Engenharia.

O pai sempre foi exemplo para tudo, eles têm uma admiração pelo pai imensa, então eles tinham o querer de copiar o pai e acabou fazendo a opção de engenharia. Tanto é que veio agora o netinho [...] ele quis fazer medicina, o Júnior contestou um pouco falando ‘não faz engenharia, a família é toda de engenheiros’, mas o avô sempre dizia faça o que você quiser contanto que você seja o melhor naquilo que você fizer, que essa era a planilha de vida dele, ser o melhor (Waldicéia, 2023).

Dos três filhos de Albuíno Azeredo, a primogênita, Ana Flávia, se diferenciou dos demais em sua trajetória de vida, ao se aproximar bastante da trajetória de vida do pai. Além de ser Engenheira graduada, percorreu uma trajetória acadêmica e realizou mestrado no Instituto Militar de Engenharia no Rio de Janeiro (IME) com trabalho de dissertação intitulado “O Modelo Project Finance: Aplicação À Implantação De Sistema Metroviário Brasileiro”, quando chegou a exercer atividade como professora e fez o doutorado de Engenharia Civil na Universidade Estadual de Campinas (Unicamp). Realizou pesquisas na área de Engenharia de Transportes e em meados de 2019 foi convidada para elaborar o projeto de uma nova estrada de ferro entre Minas Gerais e o Espírito Santo, que terá algo em torno de 570 quilômetros (A GAZETA, 2019), trajeto que foi uma das principais obras desenvolvidas por Albuíno Azeredo no início de sua carreira, enquanto Engenheiro na Companhia Vale do Rio Doce, ao desenvolver a estrada de ferro Vitória-Minas.

Além disso, a primogênita também se inseriu no campo político, sua trajetória política, apesar de curta, se iniciou ao candidatar-se ao cargo de Deputada Estadual pelo Partido Republicanos em 2014, o que levou Albuíno Azeredo retornar suas atividades no campo político para contribuir na eleição de Ana Flávia, o que foi retratado em entrevista para o Jornal A Tribuna de 04 de agosto de 2014.

# Política

FALE COM O EDITOR GLEBERSON NASCIMENTO E-MAIL: politica@redetribuna.com.br

ALBUÍNO AZEREDO EX-GOVERNADOR

## “Superei o câncer e um AVC”

O primeiro governador negro da história do Estado hoje anda com dificuldade, mas está de volta à política para eleger a filha deputada

Pedro Callegario

Após superar um acidente vascular cerebral (AVC), em 2009, um câncer de próstata e há um ano passar por cirurgia no coração para colocar três pontes de safena, o ex-governador Albuíno Azeredo diz estar de volta à política. A responsável pelo retorno do ex-governador ao ambiente partidário é a filha Ana Flávia Azeredo (PSB), de 40 anos, candidata à deputada federal.

Aos 69 anos, ele anda com dificuldade por conta do AVC que limitou movimentos do lado direito do corpo. Sentou-se ao sofá calçado só de meias e, com a ajuda da filha, colocou o tênis. “Me sinto melhor de tênis”, disse.

Albuíno descartou mal-estar em casa por conta da filha apoiar a reeleição do governador Renato Casagrande (PSB), enquanto ele está filiado ao PMDB, do ex-governador Paulo Hartung. Ele recebeu a reportagem de A Tribuna em seu apartamento na Praia da Costa, em Vila Velha.

**A TRIBUNA — Como é sua vida hoje?**

**ALBUÍNO AZEREDO —**

Continuo residindo no Rio de Janeiro. Deixei a minha vida política no Estado e, como sou vinculado a UFRJ, voltei para lá. Sou sócio de uma empresa de consultoria e projetos, principalmente na área de transporte, há 37 anos. Não obstante as enfermidades, já estava atuando no Rio. Tenho família e imóvel aqui e venho às vezes.

**> Em 2009, o senhor teve um AVC. Como é a recuperação?**

O AVC me tirou da vida profissional durante longo tempo. Quando sai do hospital, iniciei o longo processo de recuperação. Até hoje tenho o lado direito sem sensibilidade. Não consigo escrever com a mão direita, ando de muleta, braço e perna adormecidos. Mas já trabalho.

Tive outras enfermidades que

### O que ele disse

Ex-governador falou sobre saúde e política local

#### RECUPERAÇÃO

Superou AVC, câncer de próstata, além de passar por três pontes de safena e uma mamária

#### POLÍTICA

Desde que deixou o governo, no final de 1994, disse que se distanciou da política estadual

#### MOBILIDADE

Defendeu o BRT e o metrô de superfície, mas principalmente a volta do aquaviário

me deixaram fora de luta: um câncer de próstata e, em julho do ano passado, operei o coração: três safenas e uma mamária.

Ainda fiquei internado várias vezes e os médicos do Sírio-Libanês (em São Paulo) não conseguiram identificar o que eu tinha. Eram dores de tal ordem que eu já estava pedindo a Deus para deixar o mundo. Mas como não sou dono da minha vida, pedi nas minhas orações ao Senhor para que me ajudasse nessa angústia.

“Eram dores de tal ordem que eu já estava pedindo a Deus para deixar o mundo. Pedi que o Senhor me ajudasse nessa angústia.”

Aí, no dia 17 de dezembro do ano passado — não esqueço a data — minha irmã de Vitória ligou para o Rio e disse que tinha um médico em Santo André que cuidou de um paciente com as mesmas dores.

Já estava tomando morfina. Fomos para Santo André. O médico era um senhor idoso, 75 anos, mas bem conservado. Ele fez consulta completa e disse que a dor era talâmica, um nervo que fica no comando central da cabeça e, quando tive o AVC, sangrou e o sangue atingiu esse nervo. Então, é com o passar do tempo que começa a sentir as dores. Ele colocou quatro remédios e estou falando aqui com você, senão eu iria estar na cama.

Também faço fisioterapia no Rio e aqui. Mas estou feliz: superei o



FOTOS: LEONARDO BICALHOAT

### QUEM É

**Albuíno Azeredo**

- > TEM 69 anos
- > É CASADO e tem 3 filhos
- > É ENGENHEIRO
- > FOI o primeiro governador negro da história do Estado.
- > LIDEROU o Espírito Santo de 1990 a 1994.
- > SOFREU um AVC e hoje mora no Rio, onde faz tratamento de saúde.

**ALBUÍNO** gesticulava em momentos da entrevista no seu apartamento na Praia da Costa: ex-governador perdeu parte do movimento do lado direito



câncer e um AVC.

**> Acompanha a política?**

Eu me distanciei da política do Estado. Tenho relações de família aqui, mas estava afastado.

Fui surpreendido com o projeto político que nasceu no seio da família. Minha filha, também engenheira, que estava no Rio, voltou ao Estado e as pessoas começaram a conversar politicamente com ela. De repente, ela se transformou em candidata a deputada federal.

Ana Flávia me trouxe de volta para a vida política, pelo PSB. Não

influenciei. Me afastei e não me desfiliei. Estou filiado no PMDB!

**> Disputa dentro de casa?**

(Risos) Podia até falar em disputa dentro de casa... Mas esse projeto nasceu por vontade dela. Sou um democrata convicto. Aqui dentro de casa damos liberdade a todos. Então, ela está no PSB e isso não me fez sair do PMDB.

**> Depois de 20 anos, qual avaliação faz do período em que esteve à frente do Estado?**

Vivemos um período de governo muito difícil por conta da instabili-

dade da política na área federal. Também fui eleito por partidos insignificantes deste Estado. Os cardais estavam do outro lado. A oposição era grande.

**> Como engenheiro especialista em transporte, como avalia a implantação do BRT e o metrô de superfície?**

O transporte tem de ser visto como um sistema. O BRT é necessário, mas não é suficiente. O aquaviário precisa ser repensado urgentemente. Sou solidário e defendo o metrô de superfície.

## Ex-governador evita bola dividida

Embora esteja filiado no PMDB e a filha Ana Flávia Azeredo no PSB, o ex-governador Albuíno Azeredo evitou opinar sobre a candidatura ao governo.

Indagado sobre se apoia o governador Renato Casagrande (PSB) ou o ex-governador Paulo Hartung (PMDB), respondeu: “Ainda não fiz um pré-julgamento e não tenho acompanhado. Estou entrando no projeto por minha fi-

lha ter entrado. Os dois candidatos conhecem bem o Estado e as propostas que foram apresentadas vão levar ao debate do eleitor”.

Por pouco Albuíno não foi informado por A Tribuna sobre a filiação da filha, em outubro passado, por uma nota na coluna Plenário.

“Não queria que ele soubesse porque não sabia se iria ser candidata. Mas quando vi a nota no jornal, liguei para avisar a ele, que re-

cebeu bem”, contou.

Ainda em tratamento de fisioterapia no Rio por conta do AVC que sofreu em 2009, Albuíno disse que não tem condições de ajudar na campanha de rua, mas que dará orientações e fará contatos com pessoas próximas para ajudar Ana Flávia. “Foi uma surpresa para mim. Não esperava voltar à vida política. Mas estou aqui para colaborar com minha filha”.



**ALBUÍNO E ANA FLÁVIA:** ex-governador resolveu entrar novamente na política para ajudar a filha, que é candidata a uma vaga na Câmara Federal

Fonte: Jornal A Tribuna (2014).

E diante de toda sua trajetória de vida ser tão próxima dos caminhos seguidos pelo pai, atualmente Ana Flávia Azeredo carrega o título de "a mulher de ferro do Espírito Santo" em referência ao seu pai, conforme recente reportagem do Jornal A Gazeta (2019).

Figura 24 - Ana Flavia Azeredo



Fonte: A Gazeta (2019).

Outro fato ocorrido em sua trajetória que teve proporções nacionais, foi quando chegou a ser denominada de Cinderela Negra, após sofrer discriminação racial no elevador do prédio onde morava enquanto seu pai ainda era Governador do Espírito Santo em 1993. Este fato repercutiu nacionalmente, uma vez que a filha do Governador foi impedida de utilizar o elevador social por uma moradora branca que afirmava ali não ser o lugar para pessoas negras frequentarem, mas que ela deveria utilizar o elevador de serviço.

Em reportagem da Revista Veja (1993) coletada no Grupo Memória Capixaba, o fato foi noticiado com o subtítulo “Agredida dentro de um elevador de serviço, a estudante Ana Flávia, rica e filha de governador, enfrenta a hipocrisia do racismo no Brasil”. O que denota o quão estratégico é o racismo, apesar de Ana Flávia estar em uma posição de privilégio de classe, pôr à época seu pai ocupar o mais alto cargo do Poder Executivo Estadual, ter o privilégio econômico, pois nesta época seu pai já era um grande e influente empresário, não foi o suficiente para escapar da violência racial.

Isto denota que o racismo nem sempre anda de mão dadas com a classe social, em que apenas sendo pobre que o negro no Brasil será discriminado, mas ainda que ascenda economicamente e socialmente, como o próprio Albuíno Azeredo através da escolarização e tantos outros intelectuais negros, não estão imunes da discriminação racial simplesmente por serem negros e viverem em um país marcado pelo período colonial escravagista. Assim, o racismo também é um fator hierarquizante, que segrega e discrimina pessoas em razão de sua raça, independentemente de quão blindada esta pessoa possa buscar estar ao ocupar espaços de poder político, econômico e social.

Abaixo apresento a reprodução de parte da reportagem da Revista Veja (1993) que à época foi veiculada para debater o assunto com as entrevistas de Ana Flávia, Albuíno Azeredo e Terezinha (a moradora branca autora da discriminação racial) e seu filho, que em entrevista repetem a discriminação se sentirem no direito de expressar a seguinte frase “você tem que aprender que quem manda no prédio são os moradores. Preto e pobre aqui não tem vez.” (VEJA, 7 de julho de 1993).

Este caso, repercutiu à época no campo acadêmico, que foi objeto de análise do autor Michael Hanchard, sobre o movimento negro brasileiro (HANCHARD, 1994a) e no artigo “Cinderela Negra” (FRY, 1996) de autoria de Peter Fry, Professor de Antropologia do Instituto de Filosofia e Ciências Sociais da Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ). Ambos realizam uma discussão a partir do “caso Ana Flávia” acerca da questão racial brasileira.

Peter Fry, traz uma descrição ainda de um trecho da reportagem que narra a agressão sofrida por Ana Flávia:

[...] Teresina gritou novamente: ‘Cale a boca. Você não passa de uma empregadinha.’ Ao chegar ao saguão, o rapaz também entrou na briga. ‘Se você falar mais alguma coisa, meto a mão na sua cara’, berrou. ‘Eu perguntei se eles me conheciam e insisti que me respeitassem’, conta Ana Flávia. Rodrigo ameaçou outra vez: ‘Cale a boca, cale a boca. Se você continuar falando, meto a mão no meio de suas pernas’. Teresina segurou o braço da moça e Rodrigo deu-lhe um soco no lado esquerdo do rosto. [...] A polícia abriu um inquérito a pedido do governador. Se forem condenados [Teresina e Rodrigo], os dois podem pegar de um a cinco anos de cadeia” (Veja, 7 de julho de 1993).

Ambos se utilizaram deste fato notório à época, dada a repercussão em razão de se tratar de um importante dado social, para trazer ao debate a questão racial em detrimento do mito da democracia racial que à época ainda estava em desconstrução, e que tal fato hoje nos reafirma que o racismo se utiliza de tecnologias que alcançam negros e negras para além de sua categoria de classe, intelectualidade e pertencimento de alta posição política.

### 3.6 - FALECIMENTO

A saúde de Albuíno Azeredo nos últimos anos antes de seu falecimento passou por alguns estremecimentos, no ano de 2009 veio o primeiro baque, um Acidente Vascular Cerebral (AVC) que o deixou internado em coma por 69 dias, que o deixou com sequelas graves, não conseguia falar, nem movimentar seu lado direito, mas em tratamento teve uma rápida recuperação. Em entrevista com a viúva Waldicéia Peçanha, ela narra que após um mês de tratamento com fonoaudiólogo, Albuíno voltou a falar, considerado surpreendente pelos médicos. Parte do tratamento era buscar a qualidade de vida, para um homem que mantinha uma rotina exaustiva de trabalho chegando a 14 horas diárias (GURGEL, 2012).

Em 2010, Albuíno foi diagnosticado com câncer de próstata, realizou tratamento até estar totalmente curado em 2013. Mas, para além disso, sentia muitas dores na perna direita que o fez permanecer 23 dias internado, após investigações foi descoberto que as dores eram sequelas do AVC (A GAZETA, 2018).

E então no dia 12 de setembro de 2018, enquanto visitava familiares aqui no Espírito Santo, foi internado e identificado uma pneumonia, permaneceu em UTI até 16 de setembro de 2019, quando Albuíno Cunha de Azeredo, aos 73 anos, faleceu no Hospital de Vila Velha. Neste mesmo dia, o plenário da Assembleia Legislativa do Espírito Santo (Ales), em Vitória, foi tomado por amigos e parentes de Albuíno, onde começou a ser velado o corpo do ex-chefe de Estado. No dia seguinte, o corpo foi velado pela manhã, na Igreja Maranata de Vila Velha (DUTRA, 2018).

Figura 25 - Velório de Albuíno



Fonte: Fanoticias (2018).

Foi enterrado com honras militares, o transporte foi realizado no caminhão dos Bombeiros Militares do Estado do Espírito Santo, o governador à época, Paulo Hartung, decretou luto oficial de três dias, também esteve presente no velório de Albuíno Azeredo e em entrevista narrou que o principal legado deixado é da educação como ferramenta de transformação social (TRIBUNA ONLINE, 2018):

Quando você nasce numa família pobre e é negro, a probabilidade de você ascender na vida num país como o nosso, é uma possibilidade muito baixa, Albuíno tem essa trajetória de vida, uma família simples, filho de professora, negro, né, estudou, virou engenheiro, virou professor de matemática e chegou ao cargo de governador do estado do Espírito Santo, eu acho que esse é o maior legado (HARTUNG, 2018).

Novamente, é possível verificar o marco da educação na trajetória deste personagem, mas para além disso, como este aspecto é traduzido pelos indivíduos a sua volta. Albuíno Azeredo enquanto engenheiro, empresário e político, sua vivência como um homem negro, de periferia, que ascendeu economicamente e socialmente nos campos em que transitou, transpôs um exemplo prático que a educação transforma, que os processos de escolarização foi e é instrumento de

mudança que muitos negros e negras, que se utilizaram do acesso à educação para transformar sua realidade social.

A importância de existirem cotas raciais para acesso à universidade, é uma política pública efetiva para garantir que tais transformações sociais se estendam a uma maior população negra, e que, casos como o do personagem estudado possam sair da exceção e possa passar a ser a regra.

### 3.7 - HOMENAGENS À ALBUÍNO AZEREDO: DE PESSOA A PERSONAGEM DE MEMÓRIA EM NÍVEL ESTADUAL E NACIONAL

Segundo Pollak (1989, 1992), personagens com peso histórico e representações significativas para segmentos da sociedade que pertenceram, após a morte, passam a serem rememorados através de monumentos em lugares públicos e fazem parte da construção e da manutenção da memória social. Os monumentos e homenagens são instrumentos importantes para o não apagamento e invisibilização da pessoa-personagem ao longo do tempo.

Pensar o apagamento e invisibilização de memórias de personagens negros por meio das análises dos monumentos históricos que são destinados em suas homenagens, ou a ausências deles mesmo quando se tratam de personagem que marcaram a história da sociedade como a de Albuíno é tratar de forma dialética o quão exponencial pode ser um personagem que apesar da invisibilização é reconhecido em alguns prêmios e homenagens. Mas também, a ausência de homenagens em repartições públicas, de um personagem que foi o primeiro governador negro do Espírito Santo, denota a invisibilização. Durante a pesquisa, foi inaugurada uma sala de Líderes Comunitários na Assembleia Legislativa denominada Albuíno Azeredo, que se juntou a outras poucas homenagens em repartições públicas que serão elencadas abaixo.

Esta análise foi realizada a partir dos dados obtidos em entrevista com a viúva Waldicéia Peçanha Azeredo e a partir de buscas na internet. Assim, foi possível montar esta seção desenvolvida com o objetivo de reunir as homenagens feitas ao personagem. Algumas das homenagens recebidas se concentraram no município de

Barra de São Francisco (como será visto mais adiante), o que nos leva ao questionamento já que Albuíno e sua família são naturais do município de Vila Velha.

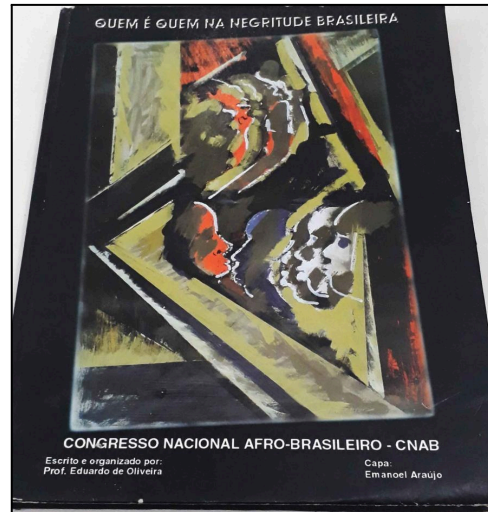
Assim, diante dos poucos elementos existentes em homenagem ao personagem, é possível verificar a invisibilização e apagamento de sua memória (ou tentativa de memoricídio), trazer a este trabalho a reunião destes registros também é, paralelamente, efetuar um trabalho de manutenção, de coerência, de unidade e de continuidade da memória de Albuíno Azeredo. Segundo Pollak (1992, p. 205) “a memória e a identidade são valores disputados em conflitos sociais e intergrupais, e particularmente em conflitos que opõem grupos políticos diversos”. As homenagens, que analisarei a seguir, embora algumas tivessem ocorrido com o homenageado ainda em vida, tiveram por objetivo prolongar a existência imaterial e a memória da pessoa-personagem aqui biografada.

### 3.7.1 - Homenagens e prêmios recebidos fora do estado do Espírito Santo

Ao trazer os dados dentro de uma cronologia temporal, com único objetivo organizacional lógico, pois as trajetórias e biografias em realidade não são um fenômeno que ocorrem em forma cronológica (BOURDIEU, 1989), cabe afirmar que a primeira homenagem a Albuíno veio da Revista Ferroviária, em 1991, como o Prêmio Ferroviário, onde Albuíno Azeredo foi estampado na capa da Revista, com o título “Um governador ferroviário”. O prêmio foi entregue em razão de uma proposta desenvolvida por Albuíno de ampliação do Corredor Centro-Leste e de que este fosse separado da antiga Rede Ferroviária Federal (GURGEL, 2012).

A segunda homenagem está escrita no livro “Quem é quem na negritude brasileira”, organizado por Eduardo de Oliveira (1998), trata-se de uma obra que reúne biografias personagens negros brasileiros, de iniciativa do Congresso Nacional Afro-Brasileiro, e o personagem Albuíno Azeredo é um dos selecionados e que conta com um breve texto acerca de sua trajetória, os autores e organizadores do livro publicam uma foto do biografado junto com o texto, que pode ser compreendido como um importante elemento acionador e disparador de memória, que contribui para uma visibilidade (POLLAK, 1989 e NASCIMENTO, 2018), também é um elemento acionador e disparador da memória.

Figura 26 - Quem é quem na negritude brasileira



Z  
H  
  
re  
di  
ca  
ve  
gé  
ar  
ce  
vi  
le  
pe  
de  
di  
qu  
as  
el  
lh  
m  
m  
pe  
er  
bi  
ni  
co  
Zu  
re  
pa  
dc  
an  
os  
tu  
e  
u  
n  
e  
a

goas, a Banda Afro-Mandela. Através da Banda Afro-Mandela ampliaram os seus horizontes e as suas discussões a respeito do cidadão negro brasileiro. Alberto Jorge conta: "Organizei e participei de manifestos sociais em defesa do cidadão negro, protestos no 13 de maio, dia da consciência negra, tributo a Bob Marley, tributo a Mandela, Dia do Trabalhador, manifestos políticos, dia da mulher, seminários, mesas-redondas, encontros a nível Norte-Nordeste e nacional dos movimentos negros. Além disso, sempre contribuí com mentos negros, monitorando palestras, prestando assessorias em projetos, etc.". No ano de 1987, Alberto Jorge resolve fazer o seu vestibular para Direito, sendo aprovado entre os dez primeiros colocados. Na sua mente socialista, não passava outra ideia a não ser: "Não vamos mais precisar correr atrás de advogados que não estão comprometidos com a nossa causa". Em 1992 Alberto Jorge concluiu o curso de Direito, tornando-se Bacharel em Ciências Jurídicas. Sempre preocupado com as questões sociais, Alberto rejubila-se com a criação oficial da Comissão de Defesa das Minorias Étnicas da Ordem dos Advogados do Estado de Alagoas, presidido pelo jurista Dr. Humberto Martins, em 1998. Alberto Jorge entende que enquanto houver fome, miséria, falta de educação, saúde e moradia não se pode falar em cidadania nem em democracia, mas que devemos lutar mais para que elas se estabeleçam, entre nós, efetivamente.

**ALBUÍNO AZEREDO**  
*Ex-governador do Estado do Espírito Santo*

Albuíno Cunha de Azeredo pertence ao Partido Democrático Trabalhista (PDT) e tornou-se um dos primeiros homens públicos negros do Brasil a ser eleito para governar o Estado do Espírito Santo. Nascido em 1945, no município de Vila Velha, no referido Estado, Albuíno Azeredo, contrariando toda a lógica política racista imposta tradicionalmente aos descendentes de africanos, rompe a linha da cor e se projeta no cenário nacional como alguém bem-sucedido. Sempre afirmando, orgulhosamente, a sua negritude - no que agiu politicamente correto -, correspondeu às expectativas ao transformar-se na expressão da revolta dos que não podem se representar e muito menos participar do poder, do grupo dos excluídos à procura da dignidade e do respeito a que fazem jus: "tra-duz com isto, sé-culos ou milênios de humilhação e de opres-são sutil ou brutal, quando não sangüinárias". Alegam uns que

tudo não passou de uma aliança com a burguesia dominante para enganar os ingênuos; outros afirmam que a burguesia cederá os anéis para não perder os dedos. Porém, de uma maneira ou de outra, não deixou de ser um fato revolucionário, no que este termo tem de transformador e de mudanças sobre o "status quo". Albuíno Azeredo, como negro, representou este momento de ebulição no interior da ordem injusta, e por vezes crucial, em que vivem os afro-descendentes, em nossos dias. Engenheiro ferroviário e empresário bem-sucedido, Albuíno deu início à sua meteórica carreira profissional de técnico ingressando na Cia. Vale do Rio Doce, onde trabalhou com afinco por muitos anos e adquiriu suficiente experiência para organizar sua própria empresa de consultoria para elaborar projetos ferroviários, a ENEFER, na ocasião tida e havida como a mais bem conceituada e uma das maiores companhias atuando no ramo, quicá da América Latina. Nascido no seio de uma família de parques recintos, tendo de lutar com garra e determinação para superar tais dificuldades, Albuíno Azeredo, antes dese formar, fez quase de tudo na vida, desde vendedor ambulante, marreteiro de pedraria, até jogador de futebol. Sem que se desprezem os setores do Movimento Negro que advogam que a luta dos afro-brasileiros só tem validade numa atmosfera de permanente militância e denúncia das mazelas do racismo, temos que admitir que outros caminhos estão se abrindo para o engajamento, com sucesso, dos herdeiros de Zumbi, que perceberam que o "apartheid" à brasileira é mais racial do que social e que, em quaisquer das direções que tomarem, haverão de encontrar uma trincheira para se posicionar nesse embate diuturno e sem quartel. Albuíno Azeredo entendeu e aceitou esse desafio que se impunha à consciência de alguém que também se identifica com a negritude. Sua experiência acumulada na vida pública, embora houvesse se restringido ao cargo de secretário de Planejamento do Estado, que exerceu na administração de Max Mauro - seu antecessor e que lhe deu todo o apoio nessa empreitada para se tornar o governador do Estado do Espírito Santo, no ano de 1990 - contribuiu e muito, para o sucesso de sua singular iniciativa, sendo eleito no segundo turno ao derrotar José Inácio Ferreira, recebendo 584.269 votos. O racismo deveras não diminuiu na sua gestão, atingindo inclusive um de seus três filhos, como foi largamente anunciado em toda a imprensa.

*Dados extraídos do PAPE - Programa Auxiliar de Pesquisa Estudantil, 1991*

**ALCEU COLLARES**  
*Ex-governador do Estado do Rio Grande do Sul*

Alceu de Deus Collares nasceu em Bagé, Rio Grande do Sul, em 12 de setembro de 1927. Filho de João de Deus Collares e Severina T. Colla-



Fonte: CNAB (1998).

A terceira homenagem recebida por Albuíno fora do Espírito Santo ocorreu em 2005 e foi denominada “Troféu Raça Negra”. O troféu foi entregue pela Sociedade Afro-brasileira de Desenvolvimento Sociocultural (Afrobrás), que acontece sempre no dia 20 de novembro em comemoração do Dia Nacional da Consciência Negra (GURGEL, 2012).

A quarta homenagem recebida pelo biografado fora do Espírito Santo foi o Prêmio de Mérito Profissional, entregue em 2014. O engenheiro Luiz Cosenza, membro do Conselho Diretor do SENGE-RJ, entregou o Diploma de Mérito Profissional para Albuíno Azeredo. O engenheiro civil se emocionou muito durante a cerimônia, realizada na Associação de Engenheiros Ferroviários (Aenfer), uma vez que devido a problemas de saúde não foi possível a Albuíno receber as homenagens no dia do evento realizado na sede do CREA/RJ. O evento foi realizado no dia 10 de abril. (SENGER-RJ, 2014). Luiz Cosenza afirmou:

O engenheiro Albuíno, além de toda a sua história de vida e as inúmeras qualidades pessoais e profissionais que fizeram e fazem parte de sua vitoriosa carreira, possui duas que considero essenciais: humildade e lealdade. Além disso, tudo que ele continua fazendo em prol da engenharia brasileira e, em especial, ao transporte ferroviário no Brasil e até no exterior, fez com que a indicação do seu nome para receber o Diploma de Mérito Profissional fosse aprovada por unanimidade pela Comissão do Mérito do CREA/RJ. Por tudo isso, Albuíno merece muito esse reconhecimento (COSENZA, 2014).

Figura 27 - Albuíno Azeredo e Luiz Cosenza na Associação de Engenheiros Ferroviários



Fonte: SANTANA (2014).

A quinta homenagem recebida fora do Espírito Santo ocorreu após a sua morte, quando de fato Albuíno passa a ser reconhecido, segundo nossa análise a partir de Pollak (1992), como uma pessoa-personagem de memória. Ele passou a ser reconhecido como membro titular *in memoriam* da Academia Nacional de Engenharia. A Academia Nacional de Engenharia (ANE) possui em seu quadro membros titulares e membros titulares *in memoriam*, este último em forma de homenagem a importantes engenheiros brasileiros já falecidos, e Albuíno Cunha Azeredo foi um dos homenageados. A matéria da homenagem foi publicada em 25 de novembro de 2020 e pode ser lida na íntegra em: <http://anebrasil.org.br/membros-titulares-in-memoriam/albuino-cunha-azeredo/>. Na nota aparece um dado importante sobre uma segunda formação acadêmica de Albuíno, pois após concluir engenharia na UFES, nos anos de 1968 e 1969, cursou informática e administração de empresas na Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro.

### 3.7.2 - Homenagens e prêmios no estado do Espírito Santo

Se pensarmos em termos qualitativos e quantitativos, considerando as homenagens que Albuíno recebeu em vida e após a morte, temos dados interessantes a serem analisados. O fato é que, apesar de Albuíno ser do Espírito Santo, ele recebeu mais homenagens fora do que dentro do estado. Isso pode revelar um racismo não dito em termos do não reconhecimento da genialidade e dos feitos expressivos de um engenheiro e governador negro que não teve como ser completamente invisibilizado. Deste modo, enquanto a homenagens de reconhecimento fora do Espírito Santo foram cinco; no estado foram apenas cinco, como se verifica a seguir.

A primeira homenagem foi a nomeação de um bairro localizado na região de Terra Vermelha, no município de Vila Velha, que recebeu o nome de sua mãe, Normília da Cunha. A segunda homenagem, ainda através do nome de sua mãe, foi a nomeação de uma escola, também no município de Vila Velha, a UMEI Professora Normília da Cunha dos Santos. Como se observa, atribuir nomes aos lugares (bairros), aos monumentos construídos (escolas e outros prédios) e às pessoas, como escreve Bourdieu (2004), está relacionado ao poder de classificação de grupos sociais com poder para tanto, ainda que tais nomeações ocorram em bairros e monumentos de periferia e em municípios do interior, como se verifica nas atribuições do nome da professora Normília da Cunha, mãe de Albuíno Azeredo.

A terceira homenagem se deu com a nomeação da Ponte Governador Albuíno Azeredo. A ponte foi construída pelo Governo de Paulo Hartung sobre o Rio Marinho e inaugurada em 08 de dezembro de 2018. O site da Prefeitura de Cariacica enfatiza que “a ponte, que possui 132 metros de comprimento e divide os dois municípios, foi batizada com o nome do ex-governador Albuíno Azeredo, que faleceu no último mês de setembro” (MARQUES, 2018).

A quarta homenagem ocorreu em Barra de São Francisco, no Polo Industrial, onde o espaço destinado a eventos de grande porte da cidade recebeu o nome do ex-governador, sendo denominada “Área de Festas Governador Albuíno Azeredo”, conforme se verifica na Lei nº 1.193, aprovada pela Câmara Municipal de Barra de São Francisco (ES), em 13 de dezembro de 2021.

A quinta homenagem se refere à nomeação da Sala de Líderes Comunitários na Assembléia Legislativa do Espírito Santo. Em 14 de dezembro de 2022, por iniciativa do Presidente da Assembleia Legislativa do Espírito Santo (ALES), Erick Musso, foi inaugurada uma sala de apoio aos Líderes Comunitários. A sala recebeu o nome de Albuíno Azeredo, ex-governador do Espírito Santo, como uma homenagem à memória dele e como um reconhecimento aos serviços prestados à população capixaba.

#### 4. PIONEIRISMO NA ENGENHARIA: ENGENHEIROS NEGROS

O objetivo deste capítulo é visibilizar a trajetória de negros e negras no campo da engenharia e evidenciar a intelectualidade negra, que subverte o imaginário social estigmatizante sobre a população negra. Esse imaginário enquadra a população negra em comportamentos que a branquitude (MÜLLER; CARDOSO, 2017) determina como sendo próprio do negro, como bem define a pensadora Beatriz Nascimento (2006, p. 39). Os e as intelectuais negros e negras que serão trazidos à memória fazem parte tanto do período pré-abolição, como do período pós-abolição. Isto pois, a primeira lei educacional sancionada na capital do Brasil, foi para impedir que negros e negras tivessem acesso à educação, a Lei nº 1, de 14 de janeiro de 1837 do Rio de Janeiro, que determinava (ASPHE, 2005):

Artigo 3º São prohibidos de frequentar as Escolas Publicas:  
1º Todas as pessoas que padecerem molestias contagiosas.  
2º Os escravos, e os pretos Africanos, ainda que sejam livres ou libertos.

Em outras províncias do Brasil também promulgaram leis e decretos com a finalidade de restringir acesso aos escravizados à educação, como Minas Gerais, Espírito Santo, Goiás e Rio Grande do Norte (BARROS, 2016). Assim, subvertendo a lógica racista educacional no Brasil, pretende-se neste capítulo

Uma vez que se trata de um engenheiro negro, e sua identificação enquanto negro de forma breve será trazido à memória a trajetórias de dois outros pioneiros engenheiros/as negros/as brasileiros, o primeiro engenheiro negro e a primeira engenheira negra, André Rebouças e Enedina Alves Marques. Assim, esta pesquisa elencou artigos que trabalham com a trajetória educacional e de vida de ambos engenheiros, são eles: “Rompendo Barreiras: Enedina, Uma Mulher Singular” (SANTANA, 2013); “Enedina Alves Marques: A Trajetória da Primeira Engenheira do Sul do País na Faculdade de Engenharia do Paraná (1940-1945)” (SANTANA, 2011); “É preciso nomear a outra: a primeira engenheira negra do Brasil que ficou no rodapé da história - Enedina Alves Marques e a representatividade da mulher negra no Paraná” (SANFELICE; FLEIG, 2020); “O Negro André”: a questão racial na vida e no pensamento do abolicionista André Rebouças” (SOARES, 2017) e “Três pretos tristes: André Rebouças, Cruz e Sousa e Lima Barreto” (CARVALHO, 2017).

#### 4.1 - BREVE TRAJETÓRIA DE VIDA: TRAZENDO À MEMÓRIA ENEDINA ALVES MARQUES E ANDRÉ REBOUÇAS

Enedina Alves Marques foi a primeira mulher a se diplomar em engenharia civil na região sul do Brasil, em 1945. Seus pais, Paulo Marques e Virgília Alves Marques, casal de negros, chegaram a Curitiba na busca de melhores condições de vida, sem registros de sua origem, eram provenientes do êxodo rural ocorrido após a abolição da escravatura ocorrida em 1888. Após a separação de seus pais, sua mãe, conhecida também como Dona Duca, e seus filhos foram trabalhar e morar com a família do militar intelectual Domingos Nascimento, no bairro Portão, localizado nos arredores de Curitiba. Foi então através do apadrinhamento de Domingos, que Enedina iniciou seus estudos e letramento (SANTANA, 2011 e SANFELICE; FLEIG, 2020).

Figura 28 - Enedina Alves



Foto: Artes/ g1 (2023).

Seus estudos iniciaram-se na na Escola Particular da Professora Luiza Netto Correia de Freitas, quando tinha aproximadamente 12 anos. E na Escola Normal concluiu o curso primário. Em 1926, começou os estudos na Escola Normal Secundária. Todo seu período de estudos era realizado durante o turno noturno, em que conciliava com o trabalho doméstico durante o dia na casa de Domingos Nascimento (SANTANA, 2013 e SANFELICE; FLEIG, 2020). E em 1932 recebe o diploma de magistério do Instituto Paranaense, e no mesmo ano Enedina começa

suas atividades de magistério ao se tornar professora de rede pública, enquanto professora normalista e em 1935 é chamada para morar e trabalhar na casa construtor Mathias e Iracema Caron, no Juvevê, no mesmo bairro em que trabalhava como professora em um imóvel alugado por Enedina (SANTANA, 2013). Neste mesmo período estudava para cumprir com a nova determinação Artigo 100 do decreto federal, em que passou a ser obrigatório “uma capacitação profissional de três anos para o exercício do ofício de professor com recursos próprios e um curso complementar para ingresso em curso superior” (SANTANA, 2011, p. 56).

Então, em 1938 Enedina realiza o curso complementar de preparação para entrada no curso de Engenharia e após obter aprovação nos exames de Matemática, Física, Química, História Natural, Sociologia e Desenho, além de efetuar o pagamento das mensalidades, que à época equiparava-se a aproximadamente a um salário mínimo a ser pago todo mês, se torna aluna na Faculdade de Engenharia do Paraná (FEP) em dezembro de 1939 e em 15 de março de 1940 é realizada sua matrícula. Durante esse período Enedina continuava morando com a família Caron em troca dos serviços domésticos (SANTANA, 2013).

O percurso acadêmico de Enedina Alves foi marcado por diferenças comparado a de seus colegas de turma, que eram composto em sua maioria por homens, brancos e da elite paranaense e isso refletiu em seu desempenho acadêmico, em que passou por reprovações e outras dificuldades, ainda que, seu esforço fosse reconhecido por quem estava em sua convivência, como relato de Eleny Caron, com quem dividia quarto.

[...] Ela não queria conversa pra ir dormir, pouco a gente conversava, ela dizia na hora de dormir é pra dormir, [...] eu não podia dormir depois dela para não incomodar nos seus estudos a noite toda, ela tomava café a noite toda para não dormir, pra poder estudar e copiar tudo aquilo. Eu perguntava Enedina você não vai dormir? Não vou ficar bem quieta aqui. Todos os dias eu tinha que dormir o mesmo horário, pela manhã ao acordar eu tinha que arrumar a cama, senão estivesse esticada eu levava escovada, eu dizia que ela era a minha mãe preta, pra todo mundo [...] e ela gostava não ligava que eu falasse (ELENY, 2009 apud SANTANA, 2013, p. 38).

A sua rotina de estudos e sua dupla vida laboral em que desempenhava como professora e doméstica na casa da família Caron, com toda certeza não se

comparava com a rotina de seus colegas, no entanto, a régua de avaliação, obviamente, era a mesma. É o que Sanfelice e Fleig (2020, p. 31-32) afirmam:

A dificuldade de aprovação surge quando intelectuais negros enfrentam um modelo burguês de atividade intelectual, havendo sempre a necessidade de defender a humanidade desses, especialmente das mulheres, ressaltando sua habilidade e capacidade de raciocinar, de pensar e realizar atividades intelectuais. Deste modo, os conflitos se tornam mais agudos quando as mulheres negras precisam lutar contra estereótipos racistas/sexistas que o tempo todo levam a outros, e muitas vezes elas mesmas, questionar se são ou não competentes, se são capazes de excelência intelectual.

Ao lutar contra essa estrutura excludente marcada pelo machismo e racismo, Enedina se diplomou em 1945 como a sexta mulher engenheira do Brasil e a primeira mulher negra a se diplomar em engenharia no Brasil (SCHUMAHER et al., pp. 282-285 apud SANTANA, 2013, p. 52). Em 1946 deixou de ocupar o cargo de professora normalista e passou a ocupar o cargo de Auxiliar de Engenheiro na Secretaria de Viação e Obras Públicas (SVOP), onde pode desenvolver uma de suas principais obras a Usina Capivari-Cachoeira, que é a maior central hidrelétrica subterrânea do sul do Brasil (SANTANA, 2013). Aproximadamente em 1950, após cinco anos atuando na SVOP, com desempenho positivo foi nomeada para a chefiar a Divisão de Engenharia da Secção de Estatística do Estado, sendo a primeira engenheira a ocupar este cargo.

E durante este período que Enedina, que convivia em um espaço de trabalho majoritariamente masculino, adotou o uso de calça e um revólver na cintura, como um mecanismo de defesa.

[...], Ela ia de calça comprida, naquele tempo você não via mulher de calça comprida, bota e o revólver na cintura porque os peões passaram a caçoar dela e ela pequeninha que era não tinha como se defender, comprou uma arma, mexia com ela, aí ela atirava, daí começaram a respeitá-la, o local de trabalho era distante e ela passava três, quatro noites no acampamento, aí ela se impôs (ELENY, 2009 apud SANTANA, 2013, p. 54).

A trajetória profissional de Enedina foi desenvolvida enquanto servidora pública do Estado do Paraná, passou mais de três décadas exercendo sua profissão de engenheira, nos últimos anos recebeu promoções e reconhecimento, como por

exemplo, ao ser nomeada chefe do serviço de Engenharia da Secretaria de Educação (SANTANA, 2013). O seu falecimento ocorreu em 1981, vinte anos após aposentar-se dos serviços públicos. Enedina Alves foi encontrada em seu apartamento, que morava sozinha, por morte natural (SANTANA, 2013).

Em sua memória foram realizados projetos ordenados pela Câmara Municipal de Curitiba para homenageá-la em espaços públicos. Em maio de 1982, determinou que uma das vias públicas da cidade, na Vila Oficinas, no bairro Cajuru, recebesse o nome de Enedina Alves. Em 1988, a Câmara aprovou o projeto de um memorial da abolição no país, que contou “com mais noventa e nove outras pessoas negras, lembradas, que contribuíram para o progresso do município e do estado” (SANTANA, 2013, p. 58). Este monumento está localizado em frente ao prédio histórico da Universidade Federal do Paraná, na Praça Santos Andrade. Em 2000, a Prefeitura Municipal de Curitiba em parceria com o Clube Soroptmista Internacional construiu um memorial em homenagem as mulheres pioneiras no Paraná, e o nome de Enedina Alves Marques está entre os das “52 mulheres que lutaram pela melhoria da qualidade de vida do povo paranaense e dos seus descendentes” (SANTANA, 2013, p. 59). Em 2006, foi inserida no “Livro do Mérito do Conselho Federal de Engenharia e Arquitetura” do Conselho Federal de Engenharia e Agronomia (CONFEA) (SANTANA, 2013).

E recentemente, em 2019, a Assembléia Legislativa do Estado do Paraná propôs o Projeto de Lei 973-19, para determinar que o trecho da PR-340 entre Cacatu e Cachoeira de Cima receba o nome de Enedina Alves Marques em sua memória e homenagem. A justificativa ressalta a trajetória de vida singular de Enedina, sua intelectualidade e seu pioneirismo. E o CONFEA e o CREA, ao serem consultados acerca do projeto, ambos respondem para a Assembléia Legislativa do Estado do Paraná, em Ofício com carta de homenagem, ressaltando a importância da iniciativa da homenagem e corroborando com o profissionalismo e serviços prestados pela engenheira, pelos respectivos Presidentes.

Atualmente, as autoras do artigo Pérola de Paula Sanfelice e Juliana Fleig (2020) que trás a trajetória de Enedina Alves Marques, ressaltam o descuido com o memorial da abolição mencionado acima, inaugurado em 1988, o memorial que está localizado em frente a Faculdade em que Enedina Alves bacharelou-se em

Engenharia. E trata-se de uma obra que marca a memória e registro desta personagem em espaço público, o desgaste e descuido revela o tratamento de invisibilidade. As autoras ainda observam que demais monumentos não receberam tal tratamento, pelo contrário são destaques na mesma praça que encontra-se o monumento.

Curiosamente, nessa mesma Praça temos duas outras figuras relevantes para a História do Paraná, um busto de Júlia Wanderley, educadora paranaense, e uma grande escultura de Helena Kolody, poetisa paranaense e contemporânea de Enedina. Nesse sentido, ficamos intrigadas, por que tamanha invisibilidade? (SANFELICE; FLEIG, 2020, p. 16).

A questão do tratamento de invisibilidade para com negros na região sul do Brasil, é evidenciado no livro *Negros no Sul do Brasil: Invisibilidade e Territorialidade*:

Trata-se de uma construção de identidade que exclui mais que inclui, deixando fora a metade do território sul-rio-grandense e grande parte de seus grupos sociais. [...] Se a construção dessa identidade tende a exaltar a figura do gaúcho em detrimento dos descendentes dos colonos alemães e italianos, ela o faz de modo mais excludente ainda em relação ao negro e ao índio” (OLIVEN, 1996, p. 25).

Outro importante personagem que demarca o pioneirismo da intelectualidade negra no campo da Engenharia, é André Pinto Rebouças, nascido na cidade de Cachoeira, região do Recôncavo Baiano, em 3 de janeiro de 1838. Apesar da forte discriminação racial por se tratar do período colonial e escravocrata, seu pai, Antônio Pereira Rebouças, era filho de uma mulher negra africana e de um português, foi autodidata e obteve o direito de advogar, enquanto rábula. Atuou como no campo político no Estado da Bahia como deputado em diversas legislaturas, como Secretário do Governo da Província de Sergipe e também foi Conselheiro do Império, tendo recebido o título de Cavaleiro da Imperial Ordem do Cruzeiro, em 1823 (SOARES, 2017; CARVALHO, 2017; FRAZÃO, 2020). A família Rebouças compõe uma seleta exceção à regra de famílias afro-brasileiras que conseguem ascender socialmente neste período, utilizando-se de estratégias da ideologia do embranquecimento, seja “coscientemente ou inconscientemente em transformar “o negro em branco” através da miscigenação.” (SOARES, 2017, p. 245). Todos os

irmãos e irmãs de seu pai, incluindo Antônio, casaram-se com pessoas brancas (SOARES, 2017).

Após sua família mudar-se para Rio de Janeiro, André Rebouças inicia sua trajetória escolar em 1846, e em 1854 ingressa na Escola Militar. Em 1857, conclui o curso preparatório de Engenharia e é promovido a 2º tenente do Corpo de Engenheiros. Dois anos após se torna bacharel pela Escola de Aplicação da Praia Vermelha em Ciências Físicas e Matemáticas, obtendo o grau de Engenheiro Militar, em dezembro de 1860 junto de seu irmão Antônio Rebouças, alcançado os primeiros lugares na classificação (SOARES, 2017; CARVALHO, 2017; FRAZÃO, 2020).

Figura 29 - André Rebouças



Fonte: Agenda Bonifácio (2023)

Em 1863, logo após retornarem de uma viagem de estudo na França, os irmãos Rebouças são nomeados como Inspectores pelo Ministro da Guerra Polidoro Fonseca para realizarem estudos nas fortificações no litoral do Paraná. Em 1864 André Rebouças é nomeado Tenente para integrar as forças na Guerra do Paraguai,

neste período sua relação com o Imperador D. Pedro II se fortalece. Em 1866, é nomeado Engenheiro da Alfândega do Rio de Janeiro pelo Ministro da Fazenda Zacarias de Góis. E ocupando este cargo que desenvolve sua primeira obra, as docas da Alfândega e de Gamboa. Em 1870, com fim da Guerra do Paraguai, é nomeado Professor da Escola Politécnica (SOARES, 2017; CARVALHO, 2017; FRAZÃO, 2020). Nesse período André Rebouças atuou “[...] como grande reformador social, notabilizou-se na defesa da abolição da escravidão e na ênfase em projetos voltados para a modernização do país, entre os quais se incluía a democratização da propriedade fundiária (SOARES, 2017, p. 246).

Em 1872, seu irmão Antônio Rebouças faleceu e pouco antes foi destituído do cargo de Engenheiro da Alfândega, então parte para uma temporada de viagem para Europa e Nova York. Durante a passagem pela Itália acompanha a peça O Guarani de Carlos Gomes e estreita laços de amizade, sendo convidado para ser padrinho do filho de Carlos Gomes e Adelina Peri (FRAZÃO, 2020). Neste período, estando fora do meio social onde era conhecido e mantinha grande proximidade com a família Real Brasileira, que conheceu mais de perto o amargor da discriminação racial em Nova York, ao ter grandes dificuldades de hospedagem e ao ser impedido de acessar o espaço cultural, Grand Opera House, e narra em seu diário: “[...] compreendi que era a dificuldade da cor a causa das recusas de aposentos” (REBOUÇAS, 1873 apud SOARES, 2017, p. 248).

Após 1883, retornou ao Brasil para prosseguir com sua articulação pela abolição da escravatura e com a abolição, também ocorreu a queda do império. Por tal motivo, em 1889, André Rebouças volta para a Europa e permanece exilado em Portugal por dois anos como correspondente do The Times de Londres. Após a morte de D. Pedro I em 1889, no ano de 1892, Rebouças passa a cumprir seu exílio no continente Africano, ao residir em Funchal, na Ilha da Madeira, até sua morte no dia 9 de maio de 1898.

Em sua memória foram nomeados espaços públicos, como: a avenida Rebouças, na cidade de São Paulo (originalmente chamada rua Doutor Rebouças), que homenageia André Rebouças; o túnel Rebouças, no Rio de Janeiro, que foi assim nomeado em memória de André Rebouças e Antônio Rebouças; os irmãos

Rebouças também são homenageados em outras cidades do Brasil, como Porto Alegre (rua Engenheiro Antônio Rebouças) e em Curitiba (bairro Rebouças e Rua Engenheiros Rebouças). O nome da cidade de Rebouças (Paraná) também é uma homenagem ao engenheiro Antônio Rebouças. O navio-tanque André Rebouças, classe Suezmax, da Transpetro, foi batizado com o seu nome em dezembro de 2014 e a viagem inaugural foi realizada em maio de 2015.

Diante dessas brilhantes trajetórias negras de engenheiros brasileiros, verifica-se o quão essencial os processos de escolarização foram instrumentos de acesso para a população negra em diferentes períodos da história brasileira

Em relação a isso, destaca-se o fato de que a escolarização adquiriu significados específicos em meio à população negra, ou seja, representava a sua inserção na cultura letrada, mas também uma forma de demarcar um distanciamento do mundo da escravidão e uma demonstração de domínio dos códigos de conduta das pessoas livres (FONSECA, 2009, p. 585).

#### 4.2 - INTELECTUALIDADE NEGRA NA ENGENHARIA: TRABALHOS E OBRAS DESENVOLVIDOS PELOS ENGENHEIROS/AS PIONEIROS/AS

Os dois personagens engenheiros negros brasileiros desenvolveram obras e trabalhos que através delas é possível identificar, registrar e evidenciar a intelectualidade negra como um papel de que, cada um a seu tempo, incutiram no campo da Engenharia obras importantes para o desenvolvimento brasileiro e para a comunidade capixaba, no caso de Albuíno, na comunidade paranaense, no caso de Enedina Alves e na comunidade curitibana e carioca, no caso de André Rebouças. Dessa maneira, com esta finalidade serão elencadas abaixo as obras e trabalhos elaborados por estes três personagens.

- a) Enedina Alves Marques: Durante sua trajetória, ela colaborou com diversas obras significativas no Paraná. Uma delas foi a Usina Capivari-Cachoeira, que é a maior central hidrelétrica subterrânea do sul do Brasil, e atualmente é chamada de Usina Governador Pedro Viriato Parigot de Souza, em Antonina. Paralelamente ao projeto hidroelétrico, a Engenheira Enedina atuou no

trabalho de campo na topografia para construção da Usina Hidrelétrica Capivari Cachoeira, denominada posteriormente, Usina Parigot de Souza. Além de ter calculado, fiscalizado a construção de várias pontes na estrada que liga o porto de Cacatú à Usina de Cotia. Enedina em parceria com o engenheiro Ernesto Máximo participou ativamente de projetos e construções de grupos escolares, como o Colégio Estadual do Paraná e da Casa dos Estudantes Universitários, espaço para estudantes do interior do estado e de outras regiões do país (SANTANA, 2013).

- b) André Rebouças: Planejou e construiu as docas da Alfândega e da Gamboa. André projetou uma rede de abastecimento de água para a cidade do Rio de Janeiro. Estudou e projetou as docas do Maranhão, de Cabedelo, do Recife e da Bahia. Foi também autor da primeira versão da lei do anteprojeto da Lei Áurea. A sua concepção de abolição era nutrida por uma ideia reformista, verdadeiramente preocupado com as ramificações e consequências advindas para os negros após o advento da liberdade (JUCÁ, 2001). O seu livro Agricultura Nacional apresenta a síntese efetiva do seu pensamento.

## 5. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Em primeiro lugar, é válido ressaltar que, após evidenciar histórias individuais de intelectuais negros na engenharia que desbravaram o desconhecido por serem pioneiros, cada qual em seu tempo e espaço, foi possível verificar que suas histórias eram o ponto fora da curva. Ou era a única mulher negra a compor uma sala repleta de homens brancos, como Enedina Alves, ou era uma minoria integrante de três homens pretos numa sala composta apenas por homens brancos, como Albuíno Azeredo, que através de seu sobre-esforço individual rompeu barreiras sociais para ocupar espaços hegemonicamente brancos enfrentando diuturnamente o preconceito racial e de gênero, tornando suas trajetórias mais áridas e lentas.

Assim, as trajetórias narradas no presente trabalho representam um "fragmento da realidade social-histórica" (BERTAUX, 2010) de personagens negros inseridos na sociedade brasileira racista e machista e, através delas foi possível analisar a dimensão social em que estavam inseridas.

Dessa maneira, a partir dos dados obtidos foi descrito e debatido a partir dos conceitos de identidade, memória e raça as trajetórias de vida de três personagens negros que articulam em comum a atuação no campo da engenharia. E através de suas vivências enquanto corpos negros que transitaram pelos espaços de poder e dominados pela branquitude, demarca a luta por uma consciência negra com objetivo de alcançar a liberdade do preconceito racial e contribuir para retirar a intelectualidade negra da marginalidade acadêmica, uma vez que, a história do negro brasileiro usualmente é representada na marginalidade social e econômica como única trajetória, este trabalho acadêmico se apresentou como um meio contra o projeto de invisibilização de personalidades negras intelectuais e pioneiras em seu campo ao reinterpretar a história através do enquadramento da memória (POLLAK, 1989).

Por fim, após a análise das trajetórias foi possível verificar que os personagens atravessaram adversidades em relação aos preconceitos de raça, gênero e classe, apesar de seus alcances intelectuais e suas respectivas expressões profissionais. Além disso, suas memórias sofreram e sofrem ações de

silenciamento, apesar do reconhecimento de pioneirismo no campo da Engenharia e no campo político.

## REFERÊNCIAS

A Gazeta. 1991 o ano que o ES recebeu o papa, Mandela e príncipe Charles, 2021. Disponível em:

<<https://www.agazeta.com.br/capixapedia/1991-o-ano-em-que-o-es-recebeu-o-papa-mandela-e-principe-charles-1021>>. Acesso em: 7 mar. 2023.

A GAZETA. 1991: o ano em que o ES recebeu o papa, Mandela e príncipe Charles, 2021. Disponível em:

<<https://www.agazeta.com.br/capixapedia/1991-o-ano-em-que-o-es-recebeu-o-papa-mandela-e-principe-charles-1021>>. Acesso em: 18 fev. 2023.

A GAZETA. Filha de Albuíno, Ana Flávia Azeredo é a mulher de ferro do ES, 2019. Disponível em:

<<https://www.agazeta.com.br/revista-ag/vida/filha-de-albuino-ana-flavia-azeredo-e-a-mulher-de-ferro-do-es-0919>>. Acesso em: 18 abr. 2023.

A Gazeta. Há 27 anos Nelson Mandela visitava o Espírito Santo, 2018. Disponível em:

<<https://www.gazetaonline.com.br/especiais/capixapedia/2018/07/ha-27-anos-nelson-mandela-visitava-o-espírito-santo-1014139292.html>>. Acesso em: 7 mar. 2023.

A GAZETA. Morre Albuíno Azeredo, ex-governador do ES entre entre 1990 e 1994. Disponível em:

<<https://www.agazeta.com.br/es/politica/morre-albuino-azeredo-ex-governador-do-es-entre-entre-1990-e-1994-0918>>. Acesso em: 18 fev. 2023.

AGENDA Bonifácio. O legado de André Rebouças, [s.d]. Disponível em:

<<https://agendabonifacio.com.br/outros-herois/o-legado-de-andre-reboucas/>>. Acesso em: 11 mar. 2023.

ALES. Albuíno Cunha de Azeredo (in memoriam), 2019. Disponível em:

<<https://www3.al.es.gov.br/Arquivo/Documents/OCO/OCO6552019/679525-102646788916102019-assinado.pdf>>. Acesso em: 11 mar. 2023.

ANDRADE, W. Confira a lista das 60 pessoas que serão homenageadas na sessão solene da Ales pelo aniversário de BSF. O Contestado, 2019. Disponível em:

<<https://ocontestado.com/confira-a-lista-das-60-pessoas-que-serao-homenageadas-na-sessao-solene-na-ales-pelo-aniversario-de-bsf/>>. Acesso em: 15 fev. 2023.

ANDREWS, George Reid. Ascensão dos negros, 1940-1988. In: ANDREWS, George Reid. Negros e brancos relações raciais em São Paulo. São Paulo: EDUSC, 1998.

ANE. Albuíno Cunha Azeredo, [s.d]. Disponível em:

<<http://anebrasil.org.br/membros-titulares-in-memori-am/albuino-cunha-azeredo/>>. Acesso em: 18 maio 2023.

- APEES. Arquivo Online, 2022. Disponível em:  
<<http://atom.beta.es.gov.br/index.php/albuino-azeredo-mediando-greve-emitapemiri>>. Acesso em: 19 fev. 2023.
- APEES. Arquivo Online, 2022. Disponível em:  
<<http://atom.beta.es.gov.br/index.php/almoco-oferecido-pelo-prefeito-de-colatina-dilobinda-com-a-presenca-de-albuino-e-outras-autoridades>>. Acesso em: 19 fev. 2023.
- APEES. Arquivo Online, 2022. Disponível em:  
<http://atom.beta.es.gov.br/index.php/inauguracao-do-comite-de-vila-velha-8>. Acesso em: 19 fev. 2023.
- APEES. Arquivo Online, 2022. Disponível em:  
<http://atom.beta.es.gov.br/index.php/albuino-azeredo>. Acesso em: 19 fev. 2023.
- APEES. Arquivo Online, 2022. Disponível em:  
<http://atom.beta.es.gov.br/index.php/nova-venecia-2>. Acesso em: 19 fev. 2023.
- AZEREDO, Albuíno. “Justiça Social como Princípio”. In I. Santos e A. Esteves Filhos (orgs.). *Os Afro-brasileiros na Gestão Pública*. CEAP, 2012.
- BARROS, Surya Pombo de. Escravos, libertos, filhos de africanos livres, não livres, pretos, ingênuos: negros nas legislações educacionais do XIX. *Educação e Pesquisa*, v. 42, n. 3, p. 591–605, 2016. Disponível em:  
<<https://www.scielo.br/j/ep/a/9ZhqHKsrZg987cSGqd7SbNg/?lang=pt>>. Acesso em: 11 mar. 2023.
- BAUER, M. W.; GASKEL, G. Entrevistas individuais e grupais. In: \_\_\_\_\_. *Pesquisa qualitativa com texto, imagem e som: um manual prático*. Petrópolis: Vozes, 2002.
- BERTAUX, Daniel. *Narrativas de vida: a pesquisa e seus métodos*. Natal: EDUFRRN; São Paulo: Paulus, 2010.
- BOURDIEU, Pierre. L’illusion biographique. *Actes de la recherche en sciences sociales*, v.62/63, n.L’illusion biographique, juin, 1986.
- CARVALHO, André Simplício. A geografia histórica da Estrada de Ferro Vitória a Minas (1904–2020): um registro. *Terra Brasilis Revista da Rede Brasileira de História da Geografia e Geografia Histórica* nº 16, 2021. Disponível em:  
<<https://doi.org/10.4000/terrabrasilis.10282>>. Acesso em 22 de mar. 2023.
- CARVALHO, Maria Alice Rezende. Três pretos tristes: André Rebouças, Cruz e Sousa e Lima Barreto. *Topoi Revista de História*. Rio de Janeiro, v. 18, n. 34 January 2017;
- CASSUNDÉ, Luiz Ronaldo. *A vitória de albuíno: Campanhas Modernizadas no Brasil e no Espírito Santo*. dissertação de mestrado. departamento de história social. UFES, 2008.
- CASTRO BARBOSA de, F. Memórias de um lugar: 25 anos do museu capixaba do negro. *Revista do Arquivo Público do Estado do Espírito Santo*, v. 2, n. 3, p. 71–81,

2018. Disponível em: <<https://periodicos.ufes.br/revapees/article/view/32254>>. Acesso em: 18 abr. 2023.

CNN BRASIL. Ana Flávia Azeredo, [s.d]. Disponível em: <<https://www.cnnbrasil.com.br/eleicoes/2022/candidatos/deputado-estadual/es/ana-flavia-azeredo/>>. Acesso em: 18 abr. 2023

CONT, Valdeir Del. Francis Galton: eugenia e hereditariedade. *scientiæ zudia*, São Paulo, v. 6, n. 2, p. 201-18, 2008.

Denys Cucho - Cultura e Identidade. In: A noção de cultura nas ciências sociais. SP: EDUSC, 2002. P. 175-202.

DO BRASIL, C.-C. DE P. E. D. H. C. ALBUINO DE AZEREDO. Disponível em: <<http://www.fgv.br/cpdac/acervo/dicionarios/verbete-biografico/albuino-de-azeredo>>. Acesso em: 14 maio 2023.

Facebook. Brasil Norte Turismo Manaus, 2018. Disponível em: <<https://www.facebook.com/photo/?fbid=1213138172181839&set=eduardo-gon%C3%A7alves-ribeiro-primeiro-governador-negro-do-estado-do-amazonas-1892-a>>. Acesso em: 18 maio 2023.

FACEBOOK. Memória Capixaba, 2015. Disponível em: <<https://www.facebook.com/groups/memoriacapixaba/permalink/1132049143490745/>>. Acesso em: 18 maio 2023.

FACEBOOK. Memória Capixaba, 2018. Disponível em: <<https://www.facebook.com/photo/?fbid=10214726472049732&set=oa.2057796054249378>>. Acesso em: 11 mar. 2023.

FANOTÍCIAS. Ex-governador do Espírito Santo, Albuíno Azeredo, é sepultado com honrarias do Estado, 2018. Disponível em: <<https://fanoticias.com.br/ex-governador-do-espírito-santo-albuino-azeredo-e-sepultado-com-honrarias-do-estado/>>. Acesso em: 18 abr. 2023.

FOLHA DIÁRIA. Albuíno Cunha de Azeredo 1945-2018, 2018. Disponível em: <<https://www.folhadiaria.com.br/materia/54/3186/l/p/albuino-cunha-de-azeredo-1945-2018>>. Acesso em: 18 dec. 2023.

FOLHA do ES. Erick Musso Inaugura na ALES Líderes Comunitários, 2022. Disponível em: <<https://www.folhadoes.com/politica-espírito-santo/erick-musso-inaugura-na-ales-sal-a-lideres-comunitarios,104377.fhtml>>. Acesso em: 18 maio 2023.

FONSECA, Marcus Vinícius Fonseca; Surya. Aaronovich Pombo de Barros (Orgs.). A história da educação dos negros no Brasil – Niterói: EdUFF, 2016. 442p.

FRY, P. O que a Cinderela negra tem a dizer sobre a "política racial" no Brasil. *Revista USP*, [S. l.], n. 28, p. 122-135, 1996. DOI: 10.11606/issn.2316-9036.v0i28p122-135. Disponível em: <https://www.revistas.usp.br/revusp/article/view/28369>. Acesso em: 8 jun. 2022.

FRY, Peter. O que a Cinderela negra tem a dizer sobre a “política racial” no Brasil. Revista USP , São Paulo ( 28 ) : 122- 135, Dezembro / Fevereiro 95/96.

GELEDÉS - INSTITUTO DA MULHER NEGRA; CFEMEA - CENTRO FEMINISTA DE ESTUDOS E ASSESSORIA; WERNECK, J. Racismo institucional: uma abordagem conceitual. São Paulo: Geledés; Cfemea, 2013.

GONZALEZ, Lélia. "A categoria político-cultural de amefricanidade". Tempo Brasileiro, Rio de Janeiro, n. 92/93, p. 69-82, jan./jun. 1988a.

GURGEL, Antônio de Pádua. 2012. “Albuíno Azeredo - um homem de ferro”. Pro Texto Comunicação e Cultura. Vitória, ES.

HANCHARD, Michael. Orpheus and Power: the Movimento Negro of Rio de Janeiro and São Paulo, Brazil, 1945-1988. Princeton, Princeton University Press, 1994a.

HOFFMAN, T. CÂMARA MUNICIPAL DE CARIACICA - ES. Disponível em: <<https://www.camaracariacica.es.gov.br/noticia/ler/1232/nota-de-pesar-pelo-falecimento-do-ex-governador-albuino-azeredo>>. Acesso em: 18 dec. 2023.

HOFFMAN, Thyago. CEFFA Normília Cunha dos Santos celebra 30 anos de história neste sábado, 10. Disponível em: <<https://www.pmsbf.es.gov.br/noticia/ler/2981/ceffa-normilia-cunha-dos-santos-celebra-30-anos-de-historia-neste-sabado-10>>. Acesso em: 7 mar. 2023.

HOOKS, bell. Olhares negros: raça e representação. Tradução de Stephanie. Borges. São Paulo: Elefante, 2019.

HOOKS, bell. Olhares negros: raça e representação. Tradução de Stephanie. Borges. São Paulo: Elefante, 2019.

<https://m.vitoria.es.gov.br/noticia/aniversario-mucane-completa-29-anos-com-programacao-especial-45215>

IBGE, Desigualdades sociais por cor ou raça no Brasil. Disponível no link: <https://manausdeantigamente.blogspot.com/2019/11/a-historia-de-eduardo-goncalves-ribeiro.html>

IBGE. Desigualdades sociais por cor ou raça no Brasil, 2022. Disponível em: <<https://biblioteca.ibge.gov.br/index.php/biblioteca-catalogo?view=detalhes&id=2101972>>. Acesso em: 18 maio 2023.

IJSN. Política ES. Disponível em: <[http://www.ijsn.es.gov.br/ConteudoDigital/20161004\\_aj14003\\_politica\\_es.pdf](http://www.ijsn.es.gov.br/ConteudoDigital/20161004_aj14003_politica_es.pdf)>. Acesso em: 18 fev. 2023.

JESUS, Josimar Gonçalves de Jesus; HOFFMANN, Rodolfo Hoffman. De norte a sul, de leste a oeste: mudança na identificação racial no Brasil. Rev. Brasileira de Estudos Populacional n° 37, 2020. Disponível no link: <<https://doi.org/10.20947/S0102-3098a0132>>. Acesso em 22 de mar. 2023.

JORGE LUIZ SANTANA. Rompendo barreiras: Enedina, uma mulher singular. Monografia, História UFPR, 2013. Disponível em:

<[http://www.humanas.ufpr.br/portal/historia/files/2013/09/jorge\\_luiz\\_santana.pdf](http://www.humanas.ufpr.br/portal/historia/files/2013/09/jorge_luiz_santana.pdf)>. Acesso em 22 de mar. 2023.

JORNALISMO, A. P. O que é consciência negra? | Kabengele Munanga | Dicionário Preto #04. Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=Nr4ZNTQ0Pyk>>. Acesso em: 18 fev. 2023.

Lei n. 1, de 1837, e o Decreto nº 15, de 1839, Sobre Instrução Primária No Rio de Janeiro. Disponível em: <<https://seer.ufrgs.br/asphe/article/viewFile/29135/pdf>>. Acesso em: 10 abr. 2023.

MANSUR, R.; COMPLETO, V. M. P. Vitrine Capixaba. Disponível em: <<http://vitrinecapixaba.blogspot.com/2021/03/1981-entrevista-do-governador-do-es.html>>. Acesso em: 15 maio 2023.

MULLER, Tânia Mara Pedroso; CARDOSO, Lourenço. Branquitude: estudos. sobre a identidade branca no Brasil. 1ª ed., Curitiba: Appris, 2017.

MUNANGA, Kabengele. Uma abordagem conceitual das noções de raça, racismo, identidade e etnia. In: BRANDÃO, André Augusto P. (org.). Programa de Educação Sobre o Negro na Sociedade Brasileira. Niterói, RJ: EdUFF, 2004.

\_\_\_\_\_. Algumas considerações sobre “raça”, ação afirmativa e identidade negra no Brasil: fundamentos antropológicos. REVISTA USP, São Paulo, n.68, p. 46-57, dezembro/fevereiro 2005-2006.

NASCIMENTO, Beatriz. Kilombo e memória comunitária – um estudo de caso. In: Estudos Afro-Asiáticos 6-7, p. 259-265, Rio de Janeiro, 1982.

\_\_\_\_\_. Transcrição do Documentário Ori. In: Beatriz Nascimento, quilombola e intelectual: possibilidade nos dias da destruição. 1 ed. Diáspora Africana: Editora Filhos da África, 2018. p. 326-340.

ONLINE, Tribuna. TN2: Ex Governador Do Estado, Albuíno Azeredo Foi Enterrado Com Honras Militares. Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=BbGEGsm2hBI>>. Acesso em: 10 abr. 2023.

PITZ, Gustavo. A singular trajetória da engenheira curitibana Enedina Alves Marques. Turistoria, 2021. Disponível em: <<https://www.turistoria.com.br/a-singular-trajetoria-da-engenheira-curitibana-enedina-alves-marques>>. Acesso em: 11 mar. 2023.

POLLAK, Michael. Memória, esquecimento, silêncio. Estudos Históricos, Rio de Janeiro, vol. 2, n. 3, 1989.

\_\_\_\_\_. Memória e identidade social. In: Estudos Históricos, Rio de Janeiro, vol. 5, n. 10, 1992.

PREFEITURA de Cariacica. Rodovia Leste-Oeste é um corredor para o desenvolvimento de Cariacica, 2018. Disponível em: <<https://www.cariacica.es.gov.br/noticias/63905/rodovia-leste-oeste-e-um-corredor-pa-ara-o-desenvolvimento-de-cariacica>>. Acesso em: 18 maio 2023.

Prefeitura de Vitória, 2022. Disponível em:  
<<https://m.vitoria.es.gov.br/noticia/aniversario-mucane-completa-29-anos-com-programacao-especial-45215>>. Acesso em: 18 maio 2023.

PREFEITURA de Vitória. Comenta Mauricio de Oliveira Conheça os Homenageados Deste Ano, 2019. Disponível em:  
<<https://www.vitoria.es.gov.br/noticia/comenda-mauricio-de-oliveira-conheca-os-homenageados-deste-ano-38563>>. Acesso em: 18 maio 2023.

RAMOS, Alberto Guerreiro. A Introdução Crítica à Sociologia Brasileira. Rio de Janeiro: Andes, 1957.

RAMOS, Alberto Guerreiro. O problema do negro na sociedade brasileira. In: SCHWARTZMAN, Simon. Cadernos de nosso tempo, Brasília, DF: Câmara dos Deputados. Ed. Univ., Brasília, v. 6, p.

RATTS, Alex. Eu sou atlântica: sobre a trajetória de vida de Beatriz Nascimento. Instituto Kuanza / Imprensa Oficial: SP, 2006.

SANTANA, Jorge Luiz. ROMPENDO BARREIRAS: ENEDINA, UMA MULHER SINGULAR. UNIVERSIDADE FEDERAL DO PARANÁ: CURITIBA, 2013. Disponível em:  
<[http://www.humanas.ufpr.br/portal/historia/files/2013/09/jorge\\_luiz\\_santana.pdf](http://www.humanas.ufpr.br/portal/historia/files/2013/09/jorge_luiz_santana.pdf)>. Acesso em: 11 mar. 2023.

SITE BARRA. Escola Família Agrícola Normília Cunha comemora 30 anos; conheça a origem do nome, 2022. Disponível em:  
<<https://sitebarra.com.br/v7/escola-familia-agricola-normilia-cunha-comemora-30-anos-conheca-a-origem-do-nome.html>>. Acesso em: 14 fev. 2023.

SITE BARRA. Escola Família Agrícola Normília Cunha comemora 30 anos; conheça a origem do nome, 2022. Disponível em:  
<<https://sitebarra.com.br/v7/escola-familia-agricola-normilia-cunha-comemora-30-anos-conheca-a-origem-do-nome.html>>. Acesso em: 15 fev. 2023.